

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários**

Odete Cristina Aristides de Assis

**AS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS E A SOCIEDADE BRASILEIRA DO  
SÉCULO XIX: escravidão e política na série *Bons Dias!***

Belo Horizonte

2024

Odete Cristina Aristides de Assis

**AS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS E A SOCIEDADE BRASILEIRA DO  
SÉCULO XIX: escravidão e política na série Bons Dias!**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Literatura Brasileira.

Orientador: Marcos Rogério Cordeiro  
Fernandes

Belo Horizonte

2024

A848.Ya-c Assis, Odete Cristina Aristides.  
As crônicas de Machado de Assis e a sociedade brasileira do século XIX [manuscrito] : escravidão e política na série *Bons Dias!* / Odete Cristina Aristides Assis. – 2024.  
1 recurso online (98 f.) : pdf.

Orientador: Marcos Rogério Cordeiro Fernandes.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 92-98.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Assis, Machado de, 1839-1908. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Crônicas brasileiras – História e crítica – Teses. 3. Política e literatura – Técnica – Teses. 4. Escravidão na literatura – Teses. I. Fernandes, Marcos Rogério Cordeiro. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.33



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS  
**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE ODETE CRISTINA ARISTIDES DE ASSIS**

Número de registro: 2021675470. Às 13 horas do dia 14 (quatorze) do mês de março de 2024, reuniu-se, via videoconferência, a Banca Examinadora de Dissertação, indicada *ad referendum* do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG em 29/02/2024, para julgar, em exame final, o trabalho final intitulado *AS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS E A SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX: ESCRAVIDÃO E POLÍTICA NA SÉRIE "BONS DIAS!"*, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em Letras: Estudos Literários, área de concentração Literatura Brasileira/Mestrado. Abrindo a sessão, o Orientador e Presidente da Banca Examinadora, Prof. Dr. Marcos Rogério Cordeiro Fernandes, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Banca Examinadora se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Dr. Marcos Rogério Cordeiro Fernandes - FALE/UFMG - indicou a aprovação da candidata.

Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre - FALE/UFMG - indicou a aprovação da candidata.

Profa. Dra. Bárbara Del Rio Araújo - CEFET/MG - indicou a aprovação da candidata.

Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, o Presidente lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora. Belo Horizonte, 14 de março de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antônio Alexandre, Professor do Magistério Superior**, em 15/03/2024, às 09:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

	Documento assinado eletronicamente por <b>Bárbara Del Rio Araújo, Usuária Externa</b> , em 16/03/2024, às 13:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do <a href="#">Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020</a> .
---	--

	Documento assinado eletronicamente por <b>Marcos Rogerio Cordeiro Fernandes, Subcoordenador(a)</b> , em 19/03/2024, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do <a href="#">Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020</a> .
---	---

	A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <a href="https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&amp;id_orgao_acesso_externo=0">https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&amp;id_orgao_acesso_externo=0</a> , informando o código verificador <b>3107573</b> e o código CRC <b>86BE834B</b> .
---	--

Aos que se levantam contra o racismo e a  
colonização, em especial, ao povo  
palestino.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos trabalhadores da UFMG, àqueles terceirizados que garantem o bandeirão, a limpeza e a manutenção dos prédios, os quais a Reitoria trata como meros “postos de trabalho”. Vocês me ensinaram muito sobre a luta contra a escravidão do século XIX. Agradeço aos técnicos administrativos que sempre me ajudaram com as tarefas burocráticas dessa pesquisa, mas principalmente pela mais importante aula que poderiam ter me proporcionado em meu percurso nesta universidade: a de terem sido os protagonistas junto com os docentes e estudantes de uma brava greve da educação federal, lutando pelos seus direitos e se enfrentando com toda herança do golpe institucional, do bolsonarismo e com os limites impostos pela política neoliberal do governo Lula e da frente ampla.

À classe trabalhadora, aquela que tudo constrói e que move o mundo.

É sempre arriscado fazer dedicatórias e agradecimentos nominais. Nunca é possível dar conta de todos aqueles que foram importantes para que essa pesquisa pudesse ganhar vida. Mesmo assim, assumo o risco e vamos a elas.

Agradeço à Fátima e ao José, meus pais que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões, sejam elas quais fossem. Agradeço também ao meu irmão Lucas e minha cunhada Rafaella, e aos pequenos Pedro Augusto, João Henrique e Maria Júlia, por todos os momentos em que seus sorrisos e suas brincadeiras me lembravam de como a vida é bela, e que as futuras gerações vão livrá-la de todo mal e opressão para desfrutá-la plenamente. Agradeço a minha avó Carmen, pelo amor infinito, e ao meu avô Vicente, cuja perda durante o processo de escrita deixou sua marca nesse trabalho.

Agradeço a todas as amigas e amigos que sempre me apoiaram nessa jornada, em especial a Flavia Valle, Marie e Lara pela escuta atenta dos planos ainda difusos que surgiam durante a escrita, mas precisavam ser verbalizados, pela força nos momentos que achei que iria desistir. Agradeço ao Marcos, pelas orientações e críticas certeiras, que sempre ajudavam a ver qual era a ideia central que eu gostaria de apresentar, mesmo quando elas não estavam claras nem para mim. Agradeço à Lina pela revisão crítica e ajuda para finalizar essa entrega.

A pesquisa dentro da lógica individualista burguesa é sempre um trabalho solitário. Na contramão disso, pude contar com valiosos camaradas para debater as

reflexões que estão presentes na dissertação. Por isso, digo que esse é um trabalho coletivo, ainda que seja uma escrita individual, trata-se de uma pequena tentativa de contribuição para fortalecer o projeto que nos move. Um projeto que só tem sentido quando é construído de forma coletiva e que é infinitamente mais gratificante do que qualquer mérito individual que a academia oferece. Por isso, termino com um agradecimento a todos os meus camaradas: os de Minas Gerais pela presença e batalhas cotidianas, e todos aqueles que estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Sem eles esse trabalho jamais poderia ter se concretizado.

## RESUMO

Essa pesquisa investiga o trabalho literário das crônicas de Machado de Assis e a abordagem realista dos grandes acontecimentos do fim do século XIX. Concentrando-se em particular na análise da série *Bons Dias!*, desenvolvemos como o autor capta as linhas definidoras do processo de luta contra a escravidão e o ritmo desigual e combinado do desenvolvimento capitalista no Brasil, transformando-os em substrato da composição. Para isso, debatemos os distintos perfis narrativos presentes na série que nos apresentam um panorama das diferentes perspectivas da classe dominante em seu momento de crise de hegemonia. A utilização de passagens irônicas e alegóricas constitui parte dos recursos manejados pelo autor para expressar, dentro dos limites do gênero, o movimento da realidade em curso: enquanto algumas heranças coloniais permanecem intocadas, o impacto do fim da escravidão é tão profundo que leva, inclusive, a uma transição de regime. *Bons Dias!* representa um marco no amadurecimento de Machado de Assis em relação à produção das crônicas, processo que é produto da acumulação intelectual do autor.

Palavras-chave: *Bons Dias!*; escravidão; abolição; Machado de Assis; crônicas; capitalismo no Brasil; acumulação literária; política no século XIX.

## ABSTRACT

This research investigates the literary work of Machado de Assis's chronicles and the realistic approach to the great events of the end of the 19th century. Focusing in particular on the analysis of the series *Bons Dias!*, we develop how the author captures the defined lines of the process of struggle against slavery and the uneven and combined rhythm of capitalist development in Brazil, evolving them into the substrate of the composition. Thereunto, we debate the different narrative profiles present in the series that present us with an overview of the different perspectives of the ruling class in its moment of hegemony crisis. The use of ironic and allegorical passages constitutes part of the resources administered by the author to express, within the limits of the genre, the movement of reality in progress: while some colonial legacies remain untouched, the impact of the end of slavery is so profound that it even leads to a regime transition. *Bons Dias!* represents a milestone in the maturation of Machado de Assis regarding the production of chronicles, a process that is a product of the author's intellectual accumulation.

Keywords: *Bons Dias!*; slavery; abolition; Machado de Assis; chronicles; capitalism in Brazil; literary accumulation; 19th century politics

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. MACHADO DE ASSIS E O PAPEL DA LITERATURA NOS JORNAIS.....</b>	<b>13</b>
2.1. As ideias do jovem Machado de Assis sobre a literatura brasileira.....	13
2.2. O papel do jornal e o surgimento de novas formas literárias.....	19
2.3. Breves considerações sobre o estilo machadiano.....	24
<b>3. “TU ÉS LIVRE”: TRABALHO, ESCRAVIDÃO E ABOLIÇÃO.....</b>	<b>29</b>
3.1. “Declaro que não apresento programa”.....	30
3.2. “Sobre estes negócios de abolição e emancipação”.....	41
3.3. “Tu és livre?”.....	53
<b>4. DA ESCRAVIDÃO AO TRABALHO ASSALARIADO.....</b>	<b>60</b>
4.1. “Esperando a indenização, com todos os diabos!”.....	60
4.2. “Aqui temos nós os chins”.....	65
4.3. “Todas as liberdades são irmãs”.....	74
<b>5. CONCLUSÕES.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

## 1. INTRODUÇÃO

São muitos os caminhos que nos levam até Machado de Assis. Da construção do trabalho literário e estético aos grandes problemas sociais e humanos, é inegável o papel desse autor para a literatura brasileira. Aprofundar o estudo das suas obras é sempre um desafio, carregado de debates, polêmicas, reflexões e novas descobertas.

O centro deste estudo começou pelo interesse de compreender como Machado de Assis transforma os limites da forma-crônica em uma abordagem realista da história durante um momento de grandes transformações. Partindo das considerações de Marx de que “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações”<sup>1</sup>, ou seja, de que a realidade não pode ser explicada somente por um elemento, mas precisa ser entendida como produto de vários componentes que são determinados historicamente e conseqüentemente também são fruto de uma ação, buscamos ver como um escritor comprometido com a renovação das formas literárias apreende o máximo desses elementos constitutivos da realidade material para internalizá-los de maneira organizada em sua obra.

Consideramos Machado de Assis um escritor realista, pressupondo a ideia de que o realismo é uma forma artística que perpassa diversas épocas e diferentes períodos, indo além da visão de uma escola literária ou estilo de época. Pensando estritamente no nosso objeto de pesquisa, esse dado se combina com a reflexão sobre o fato de que as crônicas são um gênero que, por vezes, é parte do registro da memória e do tempo histórico. Entretanto, devido à sua forma curta, também possui um obstáculo formal concreto para a abordagem da história de modo dialético, tendo em vista os limites para expressar um maior desenvolvimento da ação. Investigar como Machado de Assis trabalha esse limite formal é um dos objetivos deste trabalho.

Assim, chegamos em *Bons Dias!*, uma série de 49 crônicas publicadas entre 5 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889, que constituem um rico material de análise e apreciação do trabalho do autor. Nela podemos ver o amadurecimento de alguns dos mecanismos literários que Machado foi desenvolvendo, a partir de uma

---

<sup>1</sup> MARX, Karl. O método da economia política (Introdução). In: MARX, Karl. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858 : esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011, p. 77. Livro Eletrônico.

percepção muito aguda dos fatos, por meio de comentários cuja ironia, sarcasmo ou duplo sentido geram humor. Também vemos as diferentes vias que o autor buscou para explorar a relação entre o cronista e o leitor, e conseguir alcançar a apreensão da densidade do processo histórico em sua totalidade. Como muito bem observou John Gledson, a influência dos acontecimentos políticos e do fluxo da história se faz presente nessa série mais do que em qualquer outra,<sup>2</sup> e o descompasso da realidade, que não é a mesma em todos os lugares do mundo, se torna mais um elemento de composição artística.

Logo na primeira crônica da série recebemos no primeiro parágrafo os “bons dias”, um cumprimento à primeira vista muito educado. No entanto, logo percebemos que se trata de alguém que, ao mesmo tempo, mostra sua presunção, exigindo que o leitor reconheça seus méritos. No primeiro parágrafo, já demonstra aspectos de agressividade, supondo que se seu desejo não for atendido é por culpa de quem discorda da sua boa criação. Esse é um recurso interessante que, primeiro, introduz um elemento ficcional para nos apresentar a personalidade desse alguém que está escrevendo a série; segundo, trabalha com os distintos planos da construção de sentido, desenvolvendo um diálogo direto que interpela o leitor; e, por fim, esboça o perfil sociológico desse cronista-narrador.

Para John Gledson, essa seria uma forma de dramatizar a desigualdade entre o leitor e o cronista, mas, do nosso ponto de vista, a construção dessa personalidade não é somente para exemplificar comportamentos individuais de um determinado personagem ou da relação que se estabelece no texto. Desse modo, buscamos compreender o texto dentro do contexto histórico de sua produção, percebendo o tipo de comportamento do narrador como um retrato e um quadro que revelam características específicas associadas a uma posição de classe.

Feita essa explicação inicial acerca das motivações do estudo e o objetivo que pretendemos chegar, agora é necessário explicar brevemente o caminho que vamos percorrer. A reflexão inicial foi suscitada pelas leituras do arsenal teórico e crítico que busca as relações entre literatura, sociedade e história. Este será um trabalho em diálogo constante com as elaborações desse campo da crítica literária e a tradição intelectual de reflexão sobre o país. No entanto, o estudo exige também uma abordagem teórica sobre o gênero crônica, com debates de pesquisadores

---

<sup>2</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 14.

acerca das produções literárias de Machado de Assis neste âmbito, além de um adensamento da pesquisa histórica e social do período.

No capítulo inicial, analisamos as ideias do jovem Machado de Assis a respeito da literatura brasileira, seu estudo das obras produzidas e a crítica a seus contemporâneos presente em algumas das primeiras crônicas do autor. Depois, estudamos as reflexões que ele apresenta a respeito do papel do jornal na difusão da literatura e suas relações com o desenvolvimento do capitalismo. Debates criticamente com a proposição feita por setores da crítica de que as crônicas seriam uma espécie de laboratório no qual Machado trabalha e experimenta alguns de seus recursos artísticos e literários, que posteriormente se tornariam parte da composição de outras obras do autor. Discutimos também alguns aspectos teóricos a respeito da forma crônica, quais são as características específicas que marcaram esse gênero literário no Brasil do século XIX, as reflexões de Machado a respeito e como sua escrita foi parte da consolidação desse gênero em nosso país. Concluímos com breves considerações a respeito do estilo machadiano.

Nos capítulos seguintes, entramos propriamente na análise das crônicas buscando sua relação com as hipóteses apresentadas. O segundo capítulo, tem como objetivo perceber como o autor denota linhas fundamentais das relações entre trabalho, escravidão e a abolição. Por esse motivo, está concentrado na análise das crônicas escritas nos dias próximos à aprovação da Lei Áurea. Buscando investigar a relação entre as características que marcadamente compõem o estilo machadiano e sua compreensão das transformações políticas, econômicas e sociais em curso no país e do que permanecia ainda como herança do regime colonial.

A abordagem desses temas relaciona a compreensão dos comentários do narrador com suas características expressas ao longo da crônica. Nosso intuito é demonstrar como ao longo da série podemos identificar mais de um perfil de narrador, ao mesmo tempo em que, em todas as crônicas, temos indícios evidentes de que todos possuem um pertencimento de classe comum. Essa percepção da representação de classe que Machado constrói, assim como os sentidos do emprego da ironia e outros recursos estéticos e narrativos estão diretamente relacionados com a figuração do conteúdo da realidade histórica que constitui a matéria prima dos comentários do narrador de *Bons Dias!*. É sob esse olhar para as questões da ordem do artístico que se desenvolvem as análises sobre as relações de classe, as mudanças que estavam ocorrendo no âmbito da produção e das

relações de trabalho, o papel central da abolição da escravidão e a transição de regime político em curso. Todos esses elementos constituem a substância material da qual Machado de Assis trabalha a fabulação narrativa.

Seguindo esse objetivo, o terceiro capítulo concentra-se nas crônicas que abordam três aspectos centrais da transição entre a escravidão e o trabalho assalariado: o debate da indenização para os ex-proprietários de escravos<sup>3</sup>; o processo de imigração e suas relações com a chegada das teorias científicas e pseudocientíficas europeias; a convivência entre o trabalho livre e o escravo desde antes da aprovação da Lei Áurea. E por fim, abordamos como todos esses aspectos se conectam com a profunda crise do regime monárquico em seus momentos finais, já que as crônicas terminam poucos meses antes da Proclamação da República.

---

<sup>3</sup> Como parte de demonstrar o nível de barbárie a que milhares de seres humanos foram submetidos durante a escravidão, ao longo dessa dissertação usaremos o termo “escravo” para se referir a todos aqueles que foram submetidos as brutais condições de escravização em nome do lucro e da exploração das classes dominantes. A utilização desse termo, é também uma forma de denunciar a opressão a que foram submetidos, e uma reivindicação do legado dos escravos insurretos, aqueles que nunca se calaram diante da escravidão, que se rebelaram e enfrentaram os governos e as classes possuidoras, cuja história de luta e combate até hoje faz a burguesia internacional tremer.

## 2. MACHADO DE ASSIS E O PAPEL DA LITERATURA NOS JORNAIS

Entusiasta das mudanças advindas com o desenvolvimento tecnológico e as revoluções do seu tempo, Machado de Assis começou a escrever nos jornais desde muito jovem. Expressando ideias a respeito do desenvolvimento da literatura brasileira, e das relações desta com a sociedade, dedicou mais de 40 anos a esse trabalho, refletindo sobre o papel do jornal e os desafios para desenvolver os gêneros literários específicos nesse novo instrumento. Como forma de compreender melhor o processo de amadurecimento das reflexões do autor até chegar em sua fase madura, na qual encontramos obras como a série *Bons Dias!*, que será analisada mais detidamente nos próximos capítulos, abordaremos a seguir alguns apontamentos sobre sua perspectiva a respeito da literatura e da sociedade no início da segunda metade do século XIX.

### 2.1 As ideias do jovem Machado de Assis sobre a literatura brasileira

Machado começou a publicar seus primeiros escritos em 1855, colaborando ao longo de vários anos com diversos jornais, escrevendo poemas, crônicas, críticas teatrais e culturais. Apesar de comentar sobre os mais variados assuntos, um eixo de questões nortearam suas reflexões, dizendo respeito à relação entre a literatura, a cultura e a totalidade da sociedade.

No artigo “O passado, o presente e o futuro da literatura”<sup>4</sup>, publicado em abril de 1858, no jornal *A Marmota*, o autor critica as marcas do período colonial que ainda estão presentes na sociedade brasileira, em especial uma certa indiferença da população em relação à necessidade de um avanço intelectual. Apontando como era necessário relacionar a literatura brasileira com o processo de desenvolvimento tecnológico, científico e cultural em curso em outros países, ele entendeu que se tratava de um empreendimento difícil e permeado por dois impasses centrais: a dificuldade de importar as formas europeias, mas dando o contorno necessário às particularidades nacionais; e a busca de uma “cor local” por vias que representavam de fato o momento contemporâneo da sociedade brasileira, sem cair no idealismo,

---

<sup>4</sup> ASSIS, Machado de, O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Obra completa em quatro volumes*. 1. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2021, vol. 3, p. 7610-7618. Livro Eletrônico.

por exemplo, da exaltação da paisagem natural e dos povos originários feita pelos adeptos da visão indianista.

No que tange o primeiro tema, o autor considerava que o Brasil não tinha consolidado uma tradição literária, sendo pouco desenvolvidas suas características próprias. Em sua visão, a elaboração das formas era uma tarefa a ser realizada e o gênero que mais tinha avançado nesse sentido era a poesia, sendo o romance e o drama praticamente inexistentes. Nesse contexto, a maior parte do que era produzido terminava por imitar as formas europeias, gerando uma inadequação entre a estrutura textual e a realidade brasileira. Mesmo considerando Gonzaga um grande poeta lírico da nossa língua, Machado apontava como a reprodução imagética da Arcádia não correspondia às peculiaridades nacionais, defendendo a necessidade de se libertar da influência portuguesa também nesse âmbito intelectual.

Em relação ao segundo impasse, Machado problematiza como os escritores indianistas construíram uma visão idealizada da realidade brasileira. Ele reconhecia o talento de alguns autores como Basílio da Gama ao produzir poesias que não eram somente uma importação das formas europeias, mas apontava que elas ainda não poderiam ser consideradas nacionais, porque a forma como representavam a relação com os povos originários não expressava o verdadeiro retrato da sociedade brasileira naquele momento. Também via progressos nas obras de José Bonifácio, mas o considerava muito mais político do que poeta, mesmo sendo simpático ao papel dos Andradas na independência do país.<sup>5</sup>

Essas observações estavam relacionadas com a necessidade de discutir quais eram os caminhos para o desenvolvimento da intelectualidade brasileira e seu papel na formação de uma identidade nacional. A posição de Machado compreendia o papel da literatura como componente integrado do desenvolvimento social. Desenvolve reflexões que estão inseridas nos debates sociais e políticos do Segundo Reinado, marcados por disputas pelo controle do Estado, revoltas contra a escravidão e um processo de intensa urbanização e modernização, em particular no Rio de Janeiro, a capital do Império, sendo perceptível em seus escritos como era importante dar conta de representar essas particularidades brasileiras nas obras.

---

<sup>5</sup> Para uma análise mais aprofundada sobre esse personagem da história brasileira ver “José Bonifácio: mito e história”, em: COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 55-118.

Outro aspecto é que as tensões e disputas políticas faziam com que muitos setores vissem na figura do imperador um símbolo da unidade nacional e estabilidade política. São apontamentos que o próprio Machado de Assis expressava em seus comentários, explorando a correlação entre eles.

No entanto, esses elementos sempre estavam acompanhados de uma crítica da estrutura social do país, repleta de latifúndios dominados pelo trabalho escravo, com uma economia baseada na produção agrícola destinada à exportação, além de uma concentração de renda e poder nas mãos dos grandes proprietários de terras e escravos. Machado via que esses aspectos compunham parte da herança colonial e era necessário combatê-los. Em suas palavras: “uma revolução literária e política fazia-se necessária. O país não podia continuar a viver debaixo daquela dupla escravidão que o podia aniquilar”<sup>6</sup>.

Diante desse problema, a solução que ele considerava revolucionária partia de defender que a emancipação conquistada pelo grito do Ipiranga teria sido mais fácil do que a intelectual, cujas modificações não poderiam ser atribuídas a um só momento de transformação. O jovem autor compreendia a importância das mudanças estruturais na sociedade, apesar de tratar as “erupções revolucionárias” e as “dissensões civis” como “lutas fratricidas” que dividiam a população, defendendo que era necessário uma via para substituí-las pelas “lutas da inteligência”<sup>7</sup>.

Sua perspectiva era lutar contra a herança colonial conquistando o progresso material da sociedade. Citando o francês Chateaubriand, exemplificava como o aperfeiçoamento das máquinas e da indústria permitiriam a melhor circulação das ideias e o desaparecimento das distâncias. Ao mesmo tempo, era crítico dos setores que pensavam somente nesse avanço das letras de câmbio e das operações monetárias, desconsiderando a necessidade de uma elevação das atividades das inteligências. Esses dois âmbitos deveriam estar unificados e o avanço intelectual permitiria desenvolver “os germens mais fecundos do progresso e da civilização”<sup>8</sup>.

Esse ponto de vista significava também um combate com seus contemporâneos, para que a literatura não fosse encarada como um dogma e os literatos não se isolassem dos movimentos sociais da sua época. A conquista dos avanços necessários estava conectada com a participação viva e atuante dos

---

<sup>6</sup> ASSIS, Machado de, O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Obra completa em quatro volumes*. 1. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2021, vol. 3, p. 7612. Livro Eletrônico.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 7614.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 7614.

intelectuais nos combates contra as antigas ideias coloniais. Por isso, criticava como a “arte tornou-se uma indústria”<sup>9</sup>, cujo conteúdo produzido era deixado de lado e não havia investimento da parte do governo para que pudesse se desenvolver, como era necessário. Essas considerações nos permitem ver como, desde o início, Machado entrou nos importantes debates sobre os caminhos a seguir diante dos impasses artísticos, mas também políticos, sociais, culturais e econômicos do país.

Seus argumentos diziam respeito não somente à realidade brasileira, mas estabeleciam uma conexão com o resto do mundo, marcado pelos impactos da Revolução Industrial, que começou na Inglaterra no século XVIII e se espalhou por toda a Europa. Se tratava de um período de muitas transformações na economia e na sociedade, com a introdução de novas tecnologias, a mecanização da produção na indústria têxtil, siderúrgica e de transportes, entre outras mudanças que permitiram uma produção em massa de bens e mercadorias, geraram um aumento na produtividade e na eficiência da produção, modificando significativamente a organização do trabalho e as relações sociais.

A partir desse processo, a busca por novos mercados para vender os produtos e obter matérias-primas se tornou uma necessidade, propiciando assim o desenvolvimento do comércio internacional. Isso fez surgir relações econômicas complexas entre as nações e a formação de um sistema mundial de troca e produção. Machado compreendia esse movimento e suas reflexões estavam atreladas à necessidade de que o Brasil também seguisse esse caminho, adentrando nessas relações de comércio mundial e superando a forma subordinada que ainda persistia na estrutura social, econômica e cultural do país. Como estavam muito presentes as ideias conservadoras, contrárias a esse processo de modernização na economia e na sociedade, o autor se opunha a elas defendendo um papel ativo dos escritores.

Quando publicou “O jornal e o livro”<sup>10</sup>, em janeiro de 1859, no *Correio Mercantil*, Machado defendeu que a arte sempre foi uma forma de propagar ideias e toda revolução necessitava expressar, também por essa via, sua legitimidade perante a sociedade. Retomando alguns debates sobre a necessidade do progresso, apresentou uma profunda confiança nas potencialidades abertas no século XIX. Para ele, a Revolução Francesa dava início a uma nova época na qual era possível

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 7617.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 7619-7629.

a “explosão do pensamento humano”<sup>11</sup>, no sentido de conquistas democráticas, simbolizadas para o autor na república, o que permitiria um maior avanço dos ideais da democracia e do liberalismo. Machado conecta o desenvolvimento artístico com o curso dos grandes acontecimentos históricos da humanidade e compreende que as mudanças da sociedade estavam sempre acompanhadas de um novo meio artístico capaz de substituir a síntese anterior. Ele exemplifica suas ideias expressando como, desde as antigas civilizações Greco-Romanas até o apogeu da Idade Média, “a catedral é mais que uma fórmula arquitetônica, é a síntese do espírito e das tendências daquela época”<sup>12</sup>, simbolizando o nível de influência da Igreja sobre os povos da Europa nesse período.

Sua apreensão do movimento histórico, ao estabelecer essas relações, fez com que defendesse a imprensa como um dos instrumentos das transformações advindas da revolução burguesa. E para alcançar esse progresso via que era necessário avançar contra as estruturas coloniais da sociedade brasileira, desenvolvendo a indústria e o comércio que seriam justamente os “elos que prendem as nações”<sup>13</sup>. Para ele, a imprensa conseguia sintetizar melhor o significado das ideias dessa nova sociedade, representando um inegável progresso em sentido histórico, que permitiu não somente a circulação das ideias, mas também a mobilidade social.

Machado via que no Brasil era necessário promover o debate de ideias para conseguir transformar as estruturas, influenciando os movimentos da sua época. Se a independência da metrópole tinha unificado os pensamentos liberais e conservadores, depois dela os conflitos entre essas visões se expressaram mais fortemente. No entanto, o caráter dessas disputas centravam-se apenas nas delimitações dos poderes constituídos e do alcance de algumas medidas liberais, em particular no que diz respeito à propriedade privada e à liberdade dos cidadãos, existindo um acordo em manter intacta a organização econômica escravista e latifundiária herdeira do período colonial. As reflexões do autor buscavam ir além.

Como se sabe, no Brasil a importação dos princípios liberais europeus estavam carregadas de ideias abstratas, nas quais se confundiam princípios democráticos, republicanos, entre outros, que o próprio Machado chegou a defender.

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 7620.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 7621.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 7626.

Entretanto, no curso dos acontecimentos, o liberalismo brasileiro passou a ser usado como parte da defesa dos proprietários contra as posições mais radicais, ao contrário de apoiar suas bases numa luta revolucionária da burguesia em oposição às instituições pré-capitalistas, como foi em alguns países europeus. Em nossas terras, o caráter do liberalismo era limitado pela presença da escravidão e pela sobrevivência de estruturas arcaicas de produção, como resultado das disputas entre as alas mais conservadoras ou moderadas, que tinham horror às sublevações populares. Apesar de se declarar defensor das ideias liberais nesse momento, a perspectiva do autor não era a mesma desse liberalismo regressista<sup>14</sup> que triunfou nas disputas políticas brasileiras.

Nesse sentido, o autor defendia que o papel revolucionário do jornal estava ligado a uma realidade material concreta capaz de permitir o desenvolvimento das relações capitalistas de produção, do crédito, da indústria, da circulação do dinheiro e do conjunto das novidades estabelecidas por esse novo sistema, sendo uma evidente oposição à visão predominante que defendia manter as estruturas econômicas do país. Sua defesa de uma “grande monetização da ideia”<sup>15</sup> era em combate com a “aristocracia bastarda” que recusava os avanços da civilização moderna. Isso fica evidente quando Machado afirma que “(...) se há alguma coisa a esperar é a das inteligências proletárias, das classes ínfimas; das superiores, não.”<sup>16</sup>

Chegar nessas inteligências proletárias e das classes ínfimas era outro desafio que o autor refletia na sua busca pelo progresso. Era necessário uma tribuna que pudesse ampliar essa popularização da ideia. Ela seria produzida a partir dos avanços da indústria e da imprensa, dando origem a uma ferramenta ainda mais forte que o livro para esse objetivo: o jornal. Esse seria o instrumento para a democratização da sociedade que, a partir da ideia, da discussão, promoveria as mudanças necessárias e seria o “gérmen de uma revolução”<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> Para maior aprofundamento dessas disputas ver “A consciência liberal nos primórdios do Império”, em: COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 119-138.

<sup>15</sup> ASSIS, Machado de, O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Obra completa em quatro volumes*. 1. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2021, vol. 3, p. 7627. Livro Eletrônico.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 7679.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 7623.

## 2.2 O papel do jornal e o surgimento de novas formas literárias

No artigo “A reforma pelo jornal”, publicado n’*O Espelho* em outubro de 1859, Machado defende tratar-se de um veículo de mediação do espaço público, capaz de fazer as aristocracias tremerem mais do que os movimentos populares.<sup>18</sup> Essa afirmação, um tanto quanto exagerada, se liga à percepção de como essa ferramenta se tornou um meio de comunicação de massas a partir do fim do século XVIII, desempenhando um papel importante na disseminação de notícias, informações, literatura e principalmente ideias para um público mais amplo, já que era mais rápido e acessível. Um processo que se deu de forma combinada com a eclosão de movimentos políticos e sociais revolucionários, com o desenvolvimento das forças produtivas, a industrialização e as mudanças estruturais e demográficas nas cidades. Um dos resultados desses múltiplos fatores foi o desenvolvimento da técnica de impressão, que deixou de ser um método artesanal para se tornar uma empresa capitalista.

Como apontam Lajolo e Zilberman, a conquista de algumas das metas das revoluções burguesas levou a um maior liberalismo do Estado em relação às operações econômicas, o que do ponto de vista da classe dominante estava em função de facilitar o comércio independente e o liberalismo financeiro. Isso trouxe novas responsabilidades, como a criação de projetos sociais, principalmente os que estavam relacionados à saúde e à educação.<sup>19</sup> Ainda que o Estado capitalista seja o balcão de negócios da burguesia, como demonstrado por Marx e Engels<sup>20</sup>, essa classe em ascensão tinha necessidade de que novos setores da população adquirissem a habilidade de leitura, o que também levou ao fortalecimento das escolas estatais e a obrigatoriedade do ensino. Nos países centrais do continente europeu, esse desenvolvimento dos meios materiais e sociais constituiu a base para a emergência de uma nova cultura de consumo impulsionada pelo capitalismo em desenvolvimento, forjando um público leitor interessado em novas formas de entretenimento.

Como já abordamos, Machado via que o jornal poderia ser uma ferramenta das classes populares para a democratização das ideias: “era a reação do espírito

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 7677-7680.

<sup>19</sup> LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011.

<sup>20</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. 4. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

humano sobre as fórmulas existentes do mundo social, do mundo literário e do mundo econômico”.<sup>21</sup> Segundo o autor, o fato de ter maior circulação que os livros, representava um progresso porque “uma forma de literatura que se apresenta aos talentos como uma tribuna universal é o nivelamento das classes sociais, é a democracia prática pela inteligência.”<sup>22</sup> No entanto, mesmo nos lugares em que esse processo foi mais profundo, como na Inglaterra, o crescimento do número de leitores era maior se comparado ao período anterior, mas ainda muito pequeno se analisamos proporcionalmente o tamanho da população daquele país. Isso se relaciona com distintos fatores, em particular as diferenças entre as classes sociais, que iam desde as restrições econômicas e de acesso à educação formal, até o tempo disponível para se dedicar à leitura como um momento de lazer.<sup>23</sup>

Em nosso país, as novidades em relação ao jornal chegaram com certo destempero do processo europeu. Durante grande parte do período colonial havia um férreo controle do governo português em relação à circulação de publicações, inclusive proibindo a existência de tipografias. Somente com a vinda da família real em 1808, criou-se a Imprensa Régia, que buscava atender às necessidades da Corte, sem contudo significar maior liberdade para a circulação de jornais, revistas e livros, que ainda passava por forte controle, incluindo a censura prévia de acordo com o momento político e, principalmente, as intenções do governo imperial. Como aponta Jaime Benchimol:

O início do século XIX inaugurou uma nova etapa na formação da cidade do Rio de Janeiro, com a superação de seu estatuto colonial e a conseqüente redefinição de seu papel e funções. Em nível mundial, transcorriam processos de grande alcance histórico: a revolução industrial inglesa e o nascimento de uma indústria capitalista sequiosa de mercados; o desabamento dos antigos impérios coloniais, a imposição do livre-cambismo e a destruição dos entraves monopolistas à circulação de mercadorias em âmbito mundial; as guerras e revoluções que dilaceraram a Europa, quando o Antigo Regime, como um todo, começou a desabar, e a independência dos Estados Unidos, fato político da maior importância, tanto quanto a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas, que recolocou em questão

---

<sup>21</sup> ASSIS, Machado de, O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Obra completa em quatro volumes*. 1. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2021, vol. 3, pág. 7626. Livro Eletrônico.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 7626.

<sup>23</sup> No capítulo “O público leitor e o surgimento do romance”, do livro *A ascensão do romance*, Ian Watt aborda essas questões e suas particularidades na Inglaterra, o que permite uma visão mais aprofundada de quais as contradições presentes até mesmo numa das principais potências capitalistas daquele período. Disponível em WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 37-62.

o domínio europeu, e particularmente britânico, sobre o Caribe e a América em seu conjunto.<sup>24</sup>

O impacto da vinda da família real proporcionou algumas modificações importantes no cotidiano das cidades brasileiras, em particular do Rio de Janeiro. Ao contrário das metrópoles europeias que iam se transformando graças às revoluções e aos processos de industrialização, as novas formas de urbanização no Brasil estavam mais atreladas à necessidade de que as capitais das províncias pudessem cumprir as funções burocráticas e políticas do Império. Um processo de caráter muito limitado, característico de uma economia que ainda mantinha sua estrutura colonial e periférica. Somente a partir de 1850, produto da combinação de alguns fenômenos como o longo processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, da instalação de uma rede ferroviária, das tentativas de industrialização e do desenvolvimento de crédito, essa dinâmica se acelerou, surgindo núcleos urbanos mais sólidos, ainda que descontínuos e mantendo as linhas gerais do processo produtivo colonial.

Particularmente na capital do Império, a urbanização ganhou contornos próprios, se diferenciando do restante do país que, em sua maioria, permanecia bastante atrasado quanto aos ritmos da modernização. Mesmo o Rio de Janeiro sendo palco de formas mais intensas que permitiam o avanço das condições materiais, em algumas situações semelhantes às do processo europeu, persistia um descompasso, em especial pela existência do trabalho escravo e a falta de uma base de industrialização mais desenvolvida. Essas características do desenvolvimento urbano proporcionou novas formas de relações sociais, fortalecendo um processo de crescimento e diversificação da imprensa brasileira, o que também foi possibilitado pelo aumento da produção de papel e a melhoria das técnicas de impressão que permitiram a maior circulação de jornais e revistas, divulgadas principalmente nas grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife.

Só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à

---

<sup>24</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992, p. 22.

melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso.<sup>25</sup>

Desse modo, a imprensa passou a cumprir um papel importante na formação da opinião pública e na disseminação de informações, apesar das restrições e censura do governo imperial, e das grandes contradições existentes em relação ao nível de alfabetização da população. Tendo a política como tema dominante, eles também entraram nos debates sobre questões de literatura, educação, ciência, comércio e assuntos sociais. A reflexão de Machado nesse momento está bastante relacionada com essa efervescência do papel da imprensa no Rio de Janeiro que começa a sua modernização, se sintonizando com algumas das principais novidades europeias como a circulação dos jornais, ainda que sob uma base material muito diferente das formas econômicas, sociais e inclusive culturais.

Em base a esse processo desigual, mas também combinado em relação à modernização capitalista, uma das principais características que a imprensa brasileira desenvolveu ao longo do século XIX foi essa relação estreita entre o jornalismo e a literatura, forjando um terreno fértil para a diversificação dos gêneros literários que ganhavam destaque nas revistas ilustradas, almanaques, folhetins etc. O debate sobre essas novas formas de escrever ficção se cruzavam com os debates políticos de uma sociedade que, em alguns aspectos, ganhava ares europeus, mas em outros permanecia com as mais profundas heranças do seu passado colonial.

Como apontam muitos estudiosos, no campo da cultura e das artes a influência francesa foi marcante ao longo desse percurso, inclusive no gosto particular por um gênero específico, o folhetim. Segundo Marlyse Meyer, no início, esse gênero ocupava um lugar preciso no jornal, geralmente o rodapé da página, e tinha uma finalidade específica que era o entretenimento:

E pode-se já antecipar, dizendo que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem a vocação primeira desse espaço geográfico no jornal, deliberadamente frívolo, oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza a que obrigava a forte censura napoleônica.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011, p. 32-33.

<sup>26</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 57.

Na França e no Brasil, essa novidade agradou muito o público leitor e permitiu uma explosão de assinaturas nos jornais. Em nosso país, os folhetins se tornaram populares justamente por permitirem o acesso da literatura ao público, desempenhando um significativo papel social.<sup>27</sup> Sua publicação em jornais e revistas tornava a literatura mais acessível para uma ampla gama de leitores, incluindo aqueles que não tinham acesso a livros, estimulando o interesse pela ficção. Ainda que a leitura fosse restrita a uma parcela privilegiada da sociedade, devido às condições de acesso à educação formal, os folhetins também eram lidos em voz alta nos locais públicos, como cafés e praças, contribuindo para a disseminação das histórias e ideias presentes nesses textos<sup>28</sup>.

Em seus escritos, Machado buscava pensar o potencial desse espaço nos jornais para o desenvolvimento da literatura na sua relação com a sociedade. Podemos estabelecer alguns pontos de contato dessas reflexões com o que Ian Watt discute em seu estudo sobre a ascensão do romance inglês, apontando como os autores dos romances daquela época puderem escrever suas obras porque existia uma condição material que possibilitou o desenvolvimento e a divulgação desse gênero. No entanto, aponta como, ao mesmo tempo, esse elemento se combinava com a busca por expressar de forma realista a dinâmica das novas relações sociais, colocando como central o “problema da correspondência entre a obra literária e a realidade que ela imita”.<sup>29</sup>

É nesse contexto que Machado discute as dificuldades de aclimatação desse novo gênero em nosso país. Em um artigo que aborda essa temática, denominado “O folhetinista” e publicado n’*O Espelho* em 30 de outubro de 1859, ele apresenta as seguintes considerações:

Espalhado pelo mundo, o folhetinista tratou de acomodar a economia vital de sua organização às conveniências das atmosferas locais. Se o tem conseguido por toda a parte, não é meu fim estudá-lo; cinjo-me ao nosso círculo apenas.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> MEYER, Marlyse. Voláteis e Versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992, p. 93-133.

<sup>28</sup> LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011.

<sup>29</sup> WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 11.

<sup>30</sup> ASSIS, Machado de. O folhetinista. In: ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p. 55.

Suas críticas sobre a importação desse gênero por alguns brasileiros era, sobretudo, em como não se preocupavam com as diferenças concretas entre Paris e o Rio de Janeiro: “em geral o folhetinista aqui é todo parisiense”<sup>31</sup>. De fato, existia um grande número de traduções de obras francesas, assim como a circulação de vários jornais desse país no Brasil. No entanto, Machado buscava refletir como o interesse por esse gênero não poderia significar somente uma infinidade de traduções ou mera cópia das técnicas utilizadas pelos autores franceses. Ele afirmou que “escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil”,<sup>32</sup> pois tinha consciência de como a forma da crônica precisaria passar por adaptações que dessem conta das particularidades específicas da sociedade brasileira. Contudo, o autor buscou ressaltar como essas dificuldades não são um impeditivo para desenvolver esse gênero de acordo com as particularidades necessárias à nossa literatura e contexto social.

Esse elemento, também se associava à própria concepção do autor sobre o gênero nesse momento. Definindo a crônica como resultado de uma “fusão admirável do útil com o fútil”,<sup>33</sup> que permitiria ao folhetinista tocar em todos os temas do mundo moderno, até mesmo os da política, de forma leve como um colibri. Reconhecendo que existia um certo furor com os folhetinistas, ele remarca como a escrita desse gênero não é fruto do mero amor pela literatura ou da inspiração do escritor, mas resultado de um trabalho árduo. Os autores deveriam trabalhar as dificuldades de combinar a leveza do gênero e o tratamento dos assuntos cotidianos no pouco espaço disponível para o desenvolvimento das reflexões. Sem isso, por vezes o folhetim se tornava “um confeito literário sem horizontes vastos”<sup>34</sup>.

### 2.3 Breves considerações sobre o estilo machadiano

Muitos elementos compõem as principais características da escrita de Machado, que experimentou diferentes recursos como a fina ironia, o desenvolvimento de narradores-personagem, a criação de diálogos implícitos com o leitor, as reflexões metalinguísticas, as técnicas de fabulação, o uso das alegorias, entre outros. Em particular nas crônicas, o desafio do autor era conseguir

---

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 57.

transformar as ocorrências cotidianas de um gênero ligado à imediatez dos acontecimentos em um processo formal de estilização ficcional que buscasse uma apreensão da realidade social como um todo.

Em seu trabalho de mais de 40 anos escrevendo para jornais e revistas, foi aprimorando seu tratamento com as formas literárias publicadas nesses veículos. E, como vimos, a compreensão do autor sobre o papel dos jornais estava diretamente relacionada com o desenvolvimento da sociedade como um todo, ao mesmo tempo que lhe atribuía um papel específico no adensamento da literatura. Do trabalho acurado com os limites que esse instrumento poderia proporcionar, Machado foi forjando também a base da sua arte literária.

Se no início a voz do autor poderia confundir-se com a do cronista, a partir da metade da década de 1860 vemos uma maior experimentação, utilizando narradores com perfil ficcional mais definido e mais integrado ao fluxo discursivo. As crônicas não se reduzem somente ao relato ou comentário dos fatos, mas ganhavam características imaginativas e ficcionais, além do uso de pseudônimos para determinadas séries, entre outras novidades que vão constituir um vasto campo de experimentações dos recursos. Como aponta Sidney Chalhoub:

As crônicas de Machado de Assis concentram exemplarmente as dificuldades e possibilidades analíticas que tal gênero literário oferece ao historiador. Sem dúvidas, é um desafio interrogar esses documentos, descobrir as intenções de comentário e de crítica social e política que eles carregam. Isso porque, já de início, deve-se perguntar se os textos das crônicas são de Machado de Assis - ou, mais precisamente se as ideias ou conteúdos mais transparentes e imediatos deles são próprios de Machado de Assis - ou se o que temos são ideias de personagens-narradores, personagens de ficção, construídos mais ou menos laboriosamente, e por isso mais ou menos distantes do autor.<sup>35</sup>

Como um gênero literário antigo, que foi passando por diversas transformações, a crônica vai adequando suas características ao correr da pena do escritor e das transformações sociais e históricas, da exposição dos fatos aos comentários sobre a vida moderna. Isso nos permite observar como Machado pensou suas particularidades formais, trabalhando seus limites e potencialidades.

---

<sup>35</sup> CHALHOUB, Sidney. A arte de alinhar histórias: a série "a+b" de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney *et al* (org.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 67.

Como disse Davi Arrigucci Jr, a própria concepção atual da crônica é produto de uma certa etapa do desenvolvimento histórico:

Compreendida desse modo, a crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e seus espaços periféricos.<sup>36</sup>

Sob esse ponto de vista, podemos ver que o estilo das crônicas machadianas também foram se alterando de acordo com as novidades do seu tempo, sendo o processo de amadurecimento do autor uma das grandes discussões que permeiam sua fortuna crítica. Para alguns setores da crítica, como Sônia Brayner e Lúcia Granja<sup>37</sup>, a crônica foi uma espécie de “laboratório” dos procedimentos utilizados pelo autor. Ainda que realmente seja importante ver que existem nelas diversos recursos que Machado emprega em suas obras de ficção, essa concepção pode levar a uma secundarização das características próprias que ele desenvolveu para esse gênero e concentrar muito numa perspectiva individualizante. Em primeiro lugar, porque coloca um sentido de continuidade linear, deixando de considerar o processo de acumulação presente nas reflexões de Machado, que diante dos fatos históricos buscava compreender qual era a síntese das múltiplas determinações colocadas. Em segundo, porque pode-se perder de vista o fato de que a estruturação da ficção machadiana está dialeticamente relacionada com sua apreensão do processo histórico brasileiro e mundial, o que faz dele um dos autores que melhor conseguiu transfigurar o movimento histórico em princípio para sua composição artística.<sup>38</sup>

Em sua juventude, Machado abordou como a consciência artística deveria ser produto da prática social, defendendo uma perspectiva engajada para tornar real as possibilidades revolucionárias do progresso social, uma tarefa para a qual o jornal poderia cumprir um papel destacado. Anos mais tarde, em 1873, num conhecido ensaio denominado “Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de Nacionalidade”, o autor retomou diversos aspectos que desde a sua mocidade vinha elaborando a

---

<sup>36</sup> ARRIGUCCI Jr, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI Jr, Davi. *Enigma e Comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.

<sup>37</sup> Ver *Labirinto do Espaço Romanesco* de Sonia Brayner (1979) e *Machado de Assis: escritor em formação* de Lúcia Granja (2020).

<sup>38</sup> CORDEIRO, Rogério. *Quincas Borba: romance da modernização tardia*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022, p. 27-28.

respeito do tema. Partindo de identificar como se expressa a busca por elementos de uma tradição literária marcadamente nossa, novamente aponta como a independência intelectual “não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas, muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo.”<sup>39</sup> Essas ideias se encontram em um claro diálogo crítico com autores que estão fundando nossa tradição literária. No entanto, Machado busca pensar quais são os desafios que ainda persistem e novamente se coloca o problema da importação de formas que não se adéquam muito à natureza local e da idealização do que ele denomina como elemento indiano. Nesse sentido, segue afirmando que:

Não há dúvida de que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferecem a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.<sup>40</sup>

Sempre atento às mudanças que estavam sendo operadas, Machado as compreendia de forma conectada com os desafios do desenvolvimento intelectual em nosso país, identificando as conexões entre ambos para o aprimoramento da elaboração discursiva como parte de uma compreensão mais profunda a respeito da sociedade. O amadurecimento da obra do autor foi se dando como produto da sua apreensão do movimento histórico e social, que também o permitiu desenvolver um estilo próprio nessa nova forma de fazer literatura.

Como analisaremos a seguir, na medida em que os acontecimentos vão mostrando a impossibilidade do Brasil alcançar o progresso em linha com a modernização capitalista, o autor desenvolve mais o ceticismo e a ironia. Contudo, esses aspectos não são somente recursos formais, mas correspondiam à maneira como o autor estava vendo a persistência das marcas do atraso econômico, social e cultural que ele tanto buscava combater, se expressando em uma ferrenha crítica à classe dominante. Essa viragem ideológica o permite também apurar elementos do seu estilo.

---

<sup>39</sup> ASSIS, Machado de. “Notícia da atual literatura brasileira - instinto de nacionalidade”. Disponível em: ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 1203-2011.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 1203-2011.

Desvendar esses elementos é parte do nosso objetivo a seguir, analisando como as crônicas de Machado expressam uma compreensão aguda do autor a respeito da sociedade brasileira e suas particularidades, num contexto de profundas transformações sociais, políticas e culturais. Para isso, tomaremos como base o estudo da série *Bons Dias!*, realizando apontamentos para mostrar como nela estão contidos diversos elementos deste amadurecimento da escrita do autor, presentes na análise das mudanças sociais em curso, mas também na forma em que elas são apresentadas para os leitores em relação às questões estilísticas. Para isso, tomaremos como questão norteadora a identificação dos recursos utilizados por Machado para dramatizar linhas que podem ser consideradas definidoras da história do nosso país, em particular no que tange o processo que colocou fim ao trabalho escravo e sua relação com as bases da Proclamação da República.

### 3 “TU ÉS LIVRE”: TRABALHO, ESCRAVIDÃO E ABOLIÇÃO

Hão de reconhecer que sou bem criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas não, senhor; chego à porta e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias.<sup>41</sup>

É dessa forma nada convencional que *Bons Dias!* começa. Em suas primeiras linhas vemos um ser ficcional, um cronista-narrador, que ao mesmo tempo se apresenta como autor da série, e interpela o leitor para que este reconheça, primeiramente, a sua cordialidade. Remetendo-se dessa forma a uma cumplicidade entre o narrador e o público – uma estratégia que é típica do gênero –, essa passagem revela traços da sua personalidade que nos permitem construir uma imagem figurativa sobre a voz que tece comentários nas crônicas. A polidez e cordialidade rapidamente se transformam em ofensas contra quem não reconhecer a autoimagem construída: “Agora, se o leitor não me disser a mesma coisa, em resposta, é porque é um grande malcriado, um grosseirão de borla e capelo.”<sup>42</sup> O narrador até busca deixar ambíguo se essas ofensas são contra um leitor em abstrato, contra todos os leitores ou direcionadas somente aos que não reconhecem de imediato essas características, mas o que fica evidente é a existência de uma forte tensão.

Esse aspecto, condensado logo no primeiro parágrafo da série, expressa um dos saltos da elaboração ficcional que Machado de Assis desenvolveu ao longo dos anos para o gênero crônica. Em *Bons Dias!*, o narrador não somente incorpora o leitor à sua própria narração, como cria situações absurdas e irônicas, partindo de questões concretas da realidade e transformando-as em objeto de fabulação. A base está na matéria histórica dos comentários sobre questões cotidianas, utilizadas no texto com boas doses de ironia e argumentos que beiram o absurdo, sem com isso deixar de lado a conexão com aspectos centrais da realidade social.

---

<sup>41</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 79.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 79.

### 3.1 “Declaro que não apresento programa”

Após essa primeira apresentação, o cronista-narrador, em um lapso de sinceridade, declara que não apresenta programa e embasa sua afirmação com duas comparações nada despretensiosas. A primeira, de caráter histórico, parte do discurso proferido poucos dias antes pelo ministro Ferreira Viana sobre a abolição da escravidão, um tema central no debate político do país naquele momento. E a segunda, de ordem metafísica, busca elevar seus objetivos a um plano que vai além da realidade material ao se comparar com Deus. Analisemos agora o significado dessas menções na crônica e como ambas se conectam com o problema central do país nesse momento: a abolição da escravidão.

A referência inicial ao discurso do ministro é a premissa para abordar a relação entre falar que não apresenta programa, ao mesmo tempo em que vai desenvolvendo aspectos de como o narrador pensa ser possível levar adiante suas demandas, tendo em vista o momento político bastante convulsionado que atravessava o país. Para isso, ele busca relacionar a atuação do ministro com a figura de Otto von Bismarck, que tinha grande projeção política na arena mundial. A justificativa implícita para o argumento está no fato de Bismarck ter levado adiante um processo de modernização capitalista na Alemanha sob bases autoritárias, tornando-se conhecido como o Chanceler de Ferro.

Esses fatos aparecem com o tom de conversa casual, mas revelam muito sobre as características dessa série e de como Machado de Assis foi aprimorando seu trabalho com esse gênero. Como se sabe, ao longo do século XIX o debate da abolição foi o tema central da política brasileira. Quando *Bons Dias!* começa a ser publicado já está praticamente certo que a libertação dos escravos vai ocorrer em forma de lei. A grande questão era sobre como seria esse processo e principalmente quais seriam suas consequências para a sociedade.<sup>43</sup>

O fato da abolição ter tanta importância deve-se não somente a uma sociedade baseada em mais de 400 anos de escravidão, mas também à íntima

---

<sup>43</sup> John Gledson defende em *Machado de Assis: Ficção e História* (2003) e na Introdução da edição de *Bons Dias!* (Assis, 2008) a hipótese de que Machado tinha um claro objetivo com essa série: expressar opiniões duras sobre o processo de abolição da escravidão com a maior liberdade possível. Tal análise é interessante e, em alguns aspectos, conflui com os pontos de vistas defendidos nesse capítulo, ainda que em outras questões temos mais diferenças, conforme discutiremos ao longo desse trabalho.

conexão estabelecida entre o trabalho escravo, que dominava no Brasil, e o sistema capitalista que se desenvolvia mundialmente. Como demonstra Eric Williams, desde o início a escravidão negra estava baseada em uma razão econômica: a busca pelo baixo custo da mão de obra.<sup>44</sup> O comércio de escravos e a própria escravidão moderna estiveram intimamente ligados, ou melhor, foram parte do processo do desenvolvimento do capitalismo internacionalmente. Marx (2017) aponta essa questão em seu estudo sobre o capital, debatendo a relação entre o desenvolvimento das grandes transformações capitalistas realizadas nos países europeus e a persistência das estruturas coloniais em outros lugares do mundo:

A descoberta de terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e o saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles negras caracterizam a aurora da era da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva. A eles se segue imediatamente a guerra comercial entre as nações europeias, tendo o globo terrestre como palco. (...)

Tais métodos, como, por exemplo, o sistema colonial, baseiam-se, em parte, na violência mais brutal. Todos eles, porém, lançaram mão do poder do Estado, da violência concentrada e organizada da sociedade, para impulsionar artificialmente o processo de transformação do modo de produção feudal em capitalista e abreviar a transição de um para o outro.<sup>45</sup>

O fato da escravidão negra ter sido um lucrativo negócio capitalista é parte central do que explica sua persistência como forma de relação de trabalho durante tantos anos. A exploração do trabalho assalariado nos países centrais se desenvolveu em paralelo com a persistência de um sistema de exploração do trabalho escravo em diversos países. Um mundo, cada vez mais estava conectado entre si, gerava uma necessidade de alterar essa forma de exploração do trabalho tão brutal como era a escravidão pela exploração velada do trabalho assalariado.

Sob essa base material das necessidades econômicas do sistema capitalista, se ergue os pilares ideológicos do racismo, que buscava justificar a exploração

---

<sup>44</sup> WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e Escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 50-51.

<sup>45</sup> MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 821.

negra negando, inclusive, a humanidade dos escravizados. Contudo, a cada dia era mais difícil sustentar o nível de questionamento contra esse modo de organização da produção, que se expressa em forma aberta na luta entre as distintas classes sociais em formação. E, também, na medida em que a experiência concreta de distintos setores tornava claro como a divisão social dos regimes políticos não correspondia, na prática, com a aparência de defesa dos ideais de “liberdade, igualdade e fraternidade” propagados pela revolução burguesa.

No Brasil, esse questionamento também se fez presente, apesar do processo de independência política ter ocorrido sem romper com toda herança do período colonial e sem uma modernização econômica que assentasse as bases da industrialização. A nascente burguesia brasileira era também proprietária dos latifúndios e ligada à monocultura baseada no trabalho escravo. Profundamente subordinada aos interesses das grandes potências europeias, para se manter no poder, era incapaz de levar adiante uma revolução contra as heranças da dominação colonial, optando pela manutenção latifundiária. No entanto, temia fortemente o papel que poderia ter o impacto das inúmeras revoltas antiescravistas que atravessavam o continente e o país.

No Haiti, os negros escravizados haviam conquistado sua liberdade décadas antes como produto de uma revolução negra que foi capaz de derrotar o poderoso exército francês. Nos Estados Unidos, a questão da escravidão foi um tema central da Guerra Civil entre os estados do norte e os do sul.<sup>46</sup> No próprio Brasil, diversas revoltas urbanas e rurais eclodiram ao longo de séculos.<sup>47</sup> Esses distintos exemplos demonstram como o debate da abolição não era uma questão simples para a classe dominante brasileira que, atenta a como a luta entre diferentes classes sociais poderia impactar internamente e questionar a sua dominação política e econômica,

---

<sup>46</sup> Em seu livro *Jacobinos Negros*, C.R.L. James (2000) aborda como a insurreição dos escravos em São Domingos (futuro Haiti), iniciada em 1791, transformou a colônia francesa mais próspera do continente americano em palco de uma vitoriosa revolução. Inspirados pelos ideais da Revolução Francesa, diversos escravos rebeldes lutaram pela sua liberdade e conquistaram em 1803 a independência política do seu país. O nível de combatividade e o potencial explosivo dessa luta colocou um grande alerta para diversos setores da classe dominante europeia e das Américas que passaram a temer um contágio desse processo como inspiração contra a escravidão que ainda persistia nas outras colônias. Em outro estudo, denominado “A Revolução e o Negro” (*In*: Pablito; Afonso; Parks, 2019), James também aborda o papel da luta contra a escravidão na arena mundial, tirando lições sobre o impacto da Revolução Haitiana na França e em outros países que eram colônias, além de abordar o papel dos escravos na Guerra Civil norte-americana.

<sup>47</sup> Entre os diversos livros sobre as revoltas negras no Brasil, recomendamos a série de artigos reunidos em *Revoltas escravas no Brasil*, de João José Reis e Flávio Gomes (2021) e o livro *Ganhadores: A greve negra de 1857 na Bahia* (Reis, 2019).

fez de tudo para tentar minimizar os impactos desse processo. Para esse objetivo, aposta em uma combinação de forte repressão com tentativas de conciliação de interesses que, na maioria das vezes, eram incompatíveis.

A partir desse pano de fundo no qual está inserido o narrador de *Bons Dias!*, podemos identificar melhor as intenções por trás dos seus comentários. Como porta voz de uma perspectiva da classe dominante, ele explica sua posição com um tom de cordialidade. No entanto, veremos adiante que, na verdade, tenta ocultar, sem sucesso, como sua verdadeira proposta passa pela via autoritária, tendo já deixado claro logo no começo como não tinha um programa para responder a essa questão tão sensível para as massas do país. Utilizando-se de uma fina ironia, Machado revela ao leitor essas questões através das próprias palavras do narrador.

Assim, a comparação do ministro brasileiro com o príncipe prussiano começa por enfatizar os aspectos vistos como positivos no contexto de uma sociedade monárquica, aqueles ligados à aura de beleza e admiração que geram os costumes aristocráticos. Entretanto, esses são somente um véu que enfeita a narrativa, seguidos da revelação de que o ponto em comum reivindicado não é a aparência física ou o status social da monarquia, mas justamente o poder político que permite fazer tudo de modo autoritário. Afinal, não se trata de qualquer príncipe, mas de Otto von Bismarck: “O Príncipe de Bismarck tem feito tudo sem programa público; a única orelha que o ouviu, foi a do finado imperador, - e talvez só a direita, com ordem de o não repetir à esquerda. O parlamento e o país viram só o resto”.<sup>48</sup>

Mesmo nas nações europeias, os processos de desenvolvimento capitalista não se deram da mesma forma. Um dos principais exemplos é como os Estados germânicos percorreram um caminho muito diferente de outras grandes potências imperialistas para se industrializar. Por um lado, a Grã Bretanha conquistou seu desenvolvimento baseando-se na força da industrialização, por outro, a França teve o desenvolvimento atrelado aos profundos processos de luta de classes que atravessaram o país, produzindo revoluções e experiências como a Comuna, o que serviu como uma advertência aos regimes monárquicos europeus. Esses dois modos diferentes de conquistar avanços nos primórdios do capitalismo pressionaram fortemente toda aristocracia prussiana, que na sua busca por

---

<sup>48</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 79.

acompanhar os novos tempos precisava garantir uma modernização que não afetasse as bases do seu poder econômico e social.

Bismarck foi o político que melhor encabeçou esse projeto, com a unificação dos distintos territórios que formariam a nação alemã, colocando no centro a necessidade da industrialização. Esta foi obtida pela via de um governo aristocrático e autoritário, baseado em um Estado forte, com grande concentração de poder em suas mãos. No momento em que o “Chanceler de Ferro” levava à frente esse projeto, a necessidade de um progresso material era parte do senso comum entre as diferentes classes dominantes daquele continente.<sup>49</sup> No entanto, o medo da luta de classes, em particular da experiência da Comuna de Paris, que foi o primeiro governo operário da história, servia como um alerta de como era necessário garantir uma transição econômica que não alterasse essencialmente as bases das estruturas de poder anteriores. O progresso almejado deveria estar a serviço da manutenção das hierarquias, sendo considerada uma modernização conservadora. Ao utilizar essa referência, é possível compreender como o ponto de vista do narrador desta crônica se inspira em uma figura claramente autoritária e conservadora para levar adiante as grandes tarefas do seu próprio país.

Outra questão interessante é que, pelo seu papel na unificação do Reino da Prússia e do Império Alemão, Otto von Bismarck foi agraciado com títulos nobiliárquicos durante o reinado de William I, recebendo condecorações de conde, duque e príncipe. As referências a Bismarck nessas crônicas sempre enfatizam o título de príncipe, com o claro objetivo de demonstrar como existem experiências concretas nas quais as demandas de modernização capitalista foram levadas a cabo por alguém proveniente de uma classe não burguesa. Esse aspecto é parte dos objetivos implícitos do narrador que são colocados em comentários aparentemente despretensiosos. Essa posição não pode ser automaticamente transmutada para uma opinião do próprio Machado de Assis, já que se trata do desenvolvimento de um estilo ficcional para a crônica em que se busca apresentar características próprias para um personagem que as narra, o que não necessariamente corresponde às opiniões do escritor de fato.

---

<sup>49</sup> Para uma análise mais aprofundada recomendamos a leitura de Cury, Vania Maria. O desenvolvimento industrial na Alemanha, 1870-1914. In: CURY, Vania Maria. *História da industrialização no século XIX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 39-93.

A segunda comparação feita pelo narrador para afirmar sua perspectiva é de ordem a-histórica e busca construir uma imagem elevada para os seus propósitos. Ao declarar que “Deus fez programa, é verdade”<sup>50</sup>, ele se apoia nas visões metafísicas da crença e da religião para conseguir fortalecer sua posição, antecipando um possível contraponto a sua argumentação, buscando convencer quem está lendo da credibilidade do seu posicionamento. Para isso, o narrador busca enfatizar que, se Deus não apresentasse um programa, ele não conseguiria impor seus desejos diante da artimanha dos homens: “mas é preciso ler esse programa com muita cautela. Rigorosamente, era um modo de persuadir ao homem a alta linhagem de seu nariz.”<sup>51</sup> O objetivo, nesse caso, é argumentar a favor de uma posição política muito concreta com impactos materiais, na qual o uso de uma visão ideológica pautada pela religião busca legitimar sua posição autoritária. Esse recurso já vinha sendo utilizado por Machado em outras obras. Como analisa Roberto Schwarz, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a comparação que o narrador faz entre seu livro e a bíblia, como se houvesse apenas um único ponto de diferença entre ambos, é “a explicitação e a culminação do que está latente nas liberdades que a todo momento o narrador está tomando com a norma, literária ou não”<sup>52</sup>.

Assim, no comentário de apresentação de *Bons Dias!*, vemos o esboço inicial de um tipo de narrador que afronta as normas para atender a seus interesses, sendo que essa série em seu conjunto expressa um avanço conquistado pelo trabalho artístico de Machado: a ficcionalização dos narradores das suas crônicas. Em sua maioria, os comentários não são diretamente a opinião do autor, mas são componentes que nos permitem construir uma personalidade própria do narrador, ainda que não totalmente acabada. O fato desse recurso ser uma característica em diversas séries de crônicas machadianas, além dos já conhecidos romances, diz respeito a como esse autor trabalhou a composição dos personagens, buscando ir além das personalidades particulares de cada um, mas ficcionalizando aspectos em comum que inserem as personalidades como sujeitos históricos, e consequentemente também expressam elementos da posição de classe à qual pertencem.

---

<sup>50</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 80.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>52</sup> SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 22.

Voltando ao texto, após essas comparações, o narrador faz uma revelação, que também busca justificar sua personalidade diante do leitor: “se lhes disser já, que não tenho papas na língua, não me toquem por homem despachado, que vem dizer coisas amargas aos outros. Não senhor; não tenho papas na língua, e é para vir a tê-las que escrevo. Se as tivesse, as engolia-as e estava acabado.”<sup>53</sup> Esse desejo de escrever como forma de compreender a realidade o move diante da sua inquietação com um mundo em descompasso. Para ilustrar seus pensamentos, o narrador nos apresenta em formato alegórico aspectos da realidade que o deixam desorientado, sendo, por isso, objeto dos seus comentários na série.

Machado constrói uma alegoria para representar as decepções de um setor da classe dominante que percebeu que o desenvolvimento do sistema capitalista internacional não está em sintonia com o ritmo brasileiro. O narrador se considera um “pobre relojoeiro” que não acredita mais na sua própria profissão, pois ficou “cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora”<sup>54</sup>. A insatisfação que o perturba, tornando-se o motivo da sua busca por escrever, está justamente nas dificuldades da classe dominante para responder a esse problema de sincronizar o Brasil com os ritmos de desenvolvimento dos outros países, em particular os europeus, mas sem desconsiderar os interesses locais.

Do ponto de vista teórico, desde o marxismo revolucionário, essa dinâmica social foi analisada a partir do conceito de desenvolvimento desigual e combinado. Como abordou Leon Trótski, a expansão capitalista obriga que os países atrasados em relação aos ritmos desse processo, assimilem algumas das conquistas materiais e ideológicas de nações avançadas. Contudo, esse desenvolvimento não é ajustado como uma fórmula que necessariamente deve seguir todas as etapas sucessivas dos países imperialistas, podendo se dar por saltos de algumas etapas intermediárias. Apresenta, assim, um caráter complexo, difuso e combinado, mas a capacidade de assimilação cultural e econômica do país é o que, em última instância, determina o poder de saltar essas etapas para conquistar o almejado desenvolvimento. Esse aspecto gera uma grande contradição que só pode ser determinada pela configuração e disputa das forças históricas em questão, em particular das classes sociais. Assim:

---

<sup>53</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 80.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 80.

As leis da História não têm nada em comum com o esquematismo pedantesco. O desenvolvimento desigual, que é a lei mais geral do processo histórico, não se revela, em nenhuma parte, com maior evidência e complexidade do que no destino dos países atrasados. Açotados pelo chicote das necessidades materiais, os países atrasados se veem obrigados a avançar aos saltos. Desta lei universal do desenvolvimento desigual da cultura decorre outra que, por falta de nome mais adequado, chamaremos de *lei do desenvolvimento combinado*, aludindo à aproximação das distintas etapas do caminho e à confusão de distintas fases, ao amálgama de formas arcaicas e modernas.<sup>55</sup>

Muitos críticos se inspiram nessa análise para pensar a literatura na modernidade capitalista, entre eles o coletivo de pesquisa de Warwick, que aponta como o desenvolvimento combinado e desigual é hoje uma característica definidora do que podemos chamar de literatura-mundial. Uma das questões interessantes é como determinadas características, que eles denominam de “irrealistas”, precisam ser entendidas como produto dessa realidade histórica:

Evidentemente as linhas narrativas antilineares, dispositivos metanarrativos, personagens não arredondados, narradores não confiáveis, pontos de vistas contraditórios, e assim por diante, têm sido identificados como técnicas e dispositivos característicos da distintiva (e restrita) formação literária euro-americana tipicamente intitulada como “modernismo”. Mas entendemos essas técnicas e esses dispositivos de maneira mais ampla, como os determinados registros formais da (semi)periferalidade no sistema literário-mundial, inteligíveis onde quer que as obras literárias sejam compostas e que medeiam a experiência vivida da desnordeante destruição criativa (ou criação destrutiva) do capitalismo.<sup>56</sup>

Em *Bons Dias!* é possível identificar o uso de algumas dessas características, ainda que pelos limites formais do gênero crônica o espaço para se desenvolver no texto essa técnicas é muito menor do que nos romances. Ao construir uma alegoria, na qual um personagem que representa a classe proprietária fica perdido diante da contradição da sua própria tarefa, o autor consegue ficcionalizar uma das linhas definidoras da contradição da realidade brasileira. Ou seja, a figura do relojoeiro que

---

<sup>55</sup> TRÓTSKI, Leon. *História da Revolução Russa*: Tomo um. São Paulo: Sundermann, 2007, p. 21.

<sup>56</sup> WARWICK, Coletivo de Pesquisa de. *Desenvolvimento combinado e desigual*: por uma nova teoria da literatura-mundial. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 101.

desacredita do seu próprio ofício e busca outra tarefa para ter alguma relevância é a expressão crítica e desencantada de uma classe que é incapaz de levar a cabo a tarefa de sintonizar o país com os ritmos do desenvolvimento que ocorre em outros lugares do mundo. Para exemplificar essas contradições, o cronista-narrador cita a configuração do Partido Liberal no Brasil:

Um exemplo. O Partido Liberal, segundo li, estava encasacado e pronto para sair, com relógio na mão, porque a hora pingava. Faltava-lhe só o chapéu, que seria o chapéu Dantas, ou o chapéu Saraiva (ambos da Chapelaria Aristocrata); era só pô-lo na cabeça, e sair. Nisto passa o carro do paço com outra pessoa, e ele descobre que ou o seu relógio estava adiantado, ou o da sua Alteza é que se atrasara. Quem os porá de acordo?<sup>57</sup>

Por trás dessa alegoria, novamente voltamos a um tema central de suas crônicas: como será o processo de abolição da escravidão no país? Sob a perspectiva formal das ideias que embasaram as revoluções burguesas nos países europeus, em particular a francesa cujo lema era “liberdade, igualdade e fraternidade”, esse processo deveria ser levado a cabo pelo Partido Liberal.

No entanto, a realidade e suas contradições se fazem presentes como produtos do desenvolvimento histórico, dando novas configurações às particularidades nacionais. Como muitos autores analisaram, quem encabeça o projeto político desse partido são setores provenientes da aristocracia brasileira e, apesar dos distintos processos de luta que percorreram o país contra a escravidão, a classe dominante buscava esmagá-los e ocultá-los. Diante da falta de um projeto próprio, essa classe estava espremida entre a força daqueles que moviam a sociedade com seu trabalho e os interesses de nações da qual o país era profundamente dependente, importando algumas ideias liberais, mas tentando adequá-las à dinâmica da realidade brasileira.

Assim como o desenvolvimento do capitalismo no Brasil se deu de forma desigual e combinada quando pensamos no arranjo do sistema internacional, as ideias provenientes dessa nova forma de organização social também não se organizaram a partir de claros princípios capazes de dar a tônica das composições

---

<sup>57</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 80.

partidárias. Como produto da própria realidade social, a ideologia dominante que foi se desenvolvendo em nossas terras apresentava muitas contradições. A dinâmica das configurações partidárias não se deu por claras tendências ideológicas e políticas que moldaram a adesão dos seus membros, tornando os partidos muito mais um produto dos agrupamentos entre diferentes oligarquias e setores das classes dominantes, com interesses por vezes semelhantes, mas também como uma junção de grupos que se dava pela simples oposição em comum contra outros setores políticos.<sup>58</sup>

Apesar de chamar Liberal, as tendências desse partido eram híbridas com relação aos princípios clássicos do liberalismo, sendo presente dentro das suas fileiras setores conservadores e escravistas. Até a primeira metade do século XIX, a cumplicidade com o tráfico e a escravidão se expressava mais claramente através dos discursos abertamente a favor, ou então pelo silêncio, que buscava preencher as ideias abstratas advindas da Europa com significados que fossem compatíveis com os desejos das oligarquias proprietárias brasileiras. Quando, em 1850, a extinção legal do tráfico de escravos produziu, de acordo com as leis capitalistas, um aumento no preço dos escravizados, o problema da substituição do trabalho escravo pelo livre tornou-se uma questão ainda mais presente, impactando nas tendências do pensamento liberal no Brasil. A partir de 1868, abre-se uma crise mais profunda que marca o fim da fase mais estável do Segundo Império, dando início a um longo período de 20 anos de crises até a abolição da escravidão e a Proclamação da República, impactando profundamente na atuação desse partido. Como o narrador aborda na crônica, a contradição se expressava em uma incerteza se era a “sua Alteza” quem estava atrasada ou o Partido Liberal que estava adiantado?<sup>59</sup>

As divisões entre os liberais quanto ao tema da abolição estavam marcadas sobretudo pelo próprio princípio da defesa da propriedade privada. Isso se combina também com o fato de que o racismo surge como ideologia para justificar a escravização moderna, tendo em seus pilares a necessidade capitalista de embasar, por vias racionais, seu lucrativo negócio.<sup>60</sup> E, para esse objetivo, a classe capitalista contou com o apoio de algumas instituições, entre elas a Igreja, que se apoiava na

---

<sup>58</sup> COSTA, Emilia Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 31.

<sup>59</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 80.

<sup>60</sup> Ver estudo “Quando surgiu o preconceito contra o negro” de George Breitman, *In: PABLITO, Marcello et al. A Revolução e o Negro: textos do trotskismo sobre a questão negra*. 2. ed. São Paulo: Edições Iskra, 2019, p. 47-53.

religião para “retirar” a humanidade dos negros e africanos, dando assim uma justificativa embasada nos princípios de “Deus” para tornar aceitáveis as condições em que os escravos eram tratados ao serem considerados mercadorias e não seres humanos.<sup>61</sup> Assim, os acalorados debates sobre a abolição eram sempre pautados pelas ideias burguesas a respeito da propriedade privada. Isso fez com que, dentro do próprio Partido Liberal, houvesse uma profunda divisão a respeito da defesa enfática da abolição. Um exemplo, é como, na aprovação da Lei do Ventre Livre em 1871, a proposta foi colocada em votação pelo Visconde do Rio Branco, membro do Partido Conservador, e os membros do Partido Liberal se dividiram quanto ao apoio a essa medida.<sup>62</sup> Isso se deu mesmo com essa lei sendo uma proposta conservadora, redigida para não prejudicar a relação do senhor com seus escravos e cujo intuito era prorrogar o fim da escravidão no Brasil.

A grande divisão existente era pautada pelo medo das consequências das rebeliões escravas. Os partidos com representações no parlamento não eram expressão da organização do povo, mas de setores da classe dominante, que se dividiam entre os mais conservadores, que sequer aceitavam as reformas, defendendo a manutenção das estruturas coloniais, e os que pretendiam evitar que o fim da escravidão fosse obra dos processos de luta em curso, gerando consequências ainda mais graves para os interesses de desenvolvimento capitalista, defendendo a implementação de algumas reformas. Enquanto se mantinha esses impasses internos entre os partidos políticos da classe dominante, o impacto da Revolução no Haiti produziu uma série de movimentos dentro e fora do país, tornando o questionamento à escravidão ainda mais forte e fazendo com que o trabalho escravo começasse a ser abolido em uma série de países, deixando o Brasil cada vez mais isolado no plano internacional.

---

<sup>61</sup> Como analisou o professor Sérgio Vasconcelos (2013): “A postura da Igreja frente a escravidão negra foi de conivência, agindo como suporte ideológico do sistema escravocrata. (...) Como funcionária da Coroa e usufruindo ela mesma dos benefícios da escravidão nos seus colégios, conventos e fazendas, não lhe coube outra atitude senão contribuir para que os negros introjetassem passivamente o destino ao qual estavam condenados em nome de uma retribuição futura após a morte. A religião serviu, muitas vezes, como manto ideológico para justificar, em nome do sagrado, as injustiças da escravidão.” Disponível em: VASCONCELOS, Sergio Sezino Douets. Igreja católica e a escravidão no Brasil colônia: uma abordagem cultural. In: *XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*, 2013, Natal. Anais. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <http://snh2013.anpuh.org/resources/pe/anais/encontro5/04-rep-sociais/Artigo%20de%20Sergio%20Douets.pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

<sup>62</sup> MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Legislação emancipacionista, 1871 e 1885. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 277-284.

No campo da crítica literária, existem muitos debates sobre o papel do liberalismo no Brasil oitocentista. Para Roberto Schwarz, o liberalismo cumpria papéis diferentes no Brasil e na Europa. No velho continente a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e as ideias universalistas estavam a serviço de encobrir a exploração assalariada. Já em uma sociedade escravista como a nossa, a adoção desses princípios era marcada por um certo sentido impróprio, fruto do conflito entre dois modos de empregar capitais, o que fazia com que as relações de “favor” se tornassem uma mediação quase universal.<sup>63</sup> Já para Alfredo Bosi, essa característica analisada por Schwarz era algo típico das tensões do final do Império, defendendo que, ao longo de todo século XIX, a combinação entre escravidão e liberalismo tinha sentido para uma parcela importante dos grandes proprietários rurais brasileiros.<sup>64</sup>

Desde o nosso ponto de vista, como abordamos anteriormente, vemos que é possível compreender as configurações particulares das ideias liberais no Brasil como produto das contradições advindas da própria dinâmica desigual e combinada do processo de desenvolvimento capitalista. Em suas obras, Machado consegue apreender essas linhas definidoras e busca formalizar em fatura artística esse aspecto da sociedade. Na crônica que abre a série, vemos uma expressão alegórica dessas diferenças entre a aparência das políticas defendidas por cada partido e a expressão concreta de como eles atuavam diante da realidade. A inquietação com as contradições da realidade é uma das justificativas para o narrador expor seus comentários no jornal. Ao mesmo tempo, podemos observar como Machado ironicamente demonstra, através das palavras do próprio personagem, que o narrador não possui muita propriedade para compreender de forma profunda os fatos por ele abordados.

### 3.2 “Sobre estes negócios de abolição e emancipação”

Ao longo de todo século XIX, a classe dominante brasileira buscou atrasar o quanto pôde a abolição completa da escravidão. Tratava-se de uma questão

---

<sup>63</sup> SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: a forma literária e o processo social nos inícios do romance brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 9-31.

<sup>64</sup> BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismo. In: BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 194-245.

fundamental em todos os âmbitos de uma sociedade marcada pela disputa entre dois modos de empregar capital, cujos interesses econômicos predominavam em cada uma das ações realizadas pelos governantes. Estima-se que vieram para o Brasil mais de 40% dos 15 milhões de escravos africanos trazidos para as Américas, construindo a principal força de trabalho em nossas terras durante todo período escravocrata.<sup>65</sup> Para se ter uma dimensão do peso da escravidão no século XIX, de acordo com o Censo de 1872 realizado pelo governo de Dom Pedro II, o Brasil possuía 10 milhões de habitantes, sendo que 15,24% desses eram escravos e 58% dos residentes se declaravam pardos ou pretos.<sup>66</sup> Em 1888, mesmo com a aprovação de algumas leis que buscavam diminuir as tensões existentes devido à permanência da escravidão, historiadores apontam que ainda existiam no país cerca de 700 mil escravos, dados que comprovam como a questão negra era um tema fundamental.

Nas crônicas publicadas nos dias que antecedem a assinatura da Lei Áurea, é possível observar como o autor desenvolve alguns aspectos centrais que envolvem essa discussão de forma bastante articulada com o desenvolvimento de algumas técnicas estilísticas, que demonstram também o aprimoramento desse gênero literário.

A quarta crônica da série, publicada no dia 27 de abril de 1888, começa explorando a ambiguidade de linguagem para ir além da linguagem, ao introduzir a ideia de que “o *cretinismo* nas famílias fluminenses é geral”<sup>67</sup>. A referência a Maximiano Marques de Carvalho, que naquele momento publicava anúncios em jornais defendendo remédios do sistema homeopático, leva a uma primeira impressão de que o narrador está falando de alguma doença. Mas a utilização da palavra *cretinismo* tem um duplo sentido. Por um lado, traz como referência alguém que discute o significado dessa questão ligado a uma doença congênita resultante da deficiência ou da falta total de produção da tireoxina, gerando os sintomas abordados pelo narrador nos seus comentários na crônica. Por outro, é inevitável relacionar o comentário com o sentido figurado do termo, referindo-se ao modo de agir de alguém que é desprovido de inteligência, cujo comportamento é atrevido ou

<sup>65</sup> REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2012, p. 9.

<sup>66</sup> LEUZINGER, Typ. G. (ed.). *Recenseamento do Brasil em 1872*. Rio de Janeiro: IBGE, 1874?. 12v. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>67</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 95.

inconveniente. Ou seja, como uma crítica às famílias fluminenses e sua desfaçatez de classe.

O jogo com o sentido da palavra é reforçado quando o narrador, para justificar sua distração ao observar as pessoas nas ruas, usa como exemplo a conversa que teve “sobre esses negócios de abolição e emancipação”<sup>68</sup>. Esse é o ponto nodal que ordena a crônica e as preocupações do narrador: os impactos da abolição na sociedade e nos partidos políticos. O assunto da conversa era um tema de grande impacto: a reação dos escravos de Cantagalo ao saber que receberam a abolição.

Aqui é importante uma contextualização histórica, pois esse município era reconhecido como um baluarte de escravagistas, mas as notícias nos jornais buscavam enfatizar justamente o contrário. Não somente tratavam como um ato de benevolência e generosidade que dois Viscondes tenham libertado seus escravos, como enfatizavam que esse ato obteve como resultado que os ex-escravizados decidissem por “livre e espontânea” gratidão, trabalhar de graça para os proprietários das terras até o fim da colheita daquele ano.<sup>69</sup> A questão de abolir a escravidão garantindo que os escravos, agora livres, seguissem trabalhando de graça até o fim da colheita era um dos temas que moviam acaloradas discussões, um aspecto que está diretamente relacionado com a discussão a seguir, quando o narrador conta sua ideia para dar emprego aos libertos:

Quando ele piscou o olho, comecei eu a ruminar uma ideia que tenho, para dar emprego aos libertos que não quiserem ficar na agricultura; isto é o meu plano: aumentar o número de criados de servir, de tal maneira que ninguém tenha menos que três, ainda à custa de grandes sacrifícios...<sup>70</sup>

A abordagem de um tema importante da política do país é tratada como uma ideia ruminada durante uma distração do narrador. Todavia, são justamente os pequenos detalhes que conferem ao texto uma profundidade, tocando em problemas estruturais da dinâmica das relações sociais do país naquele momento. O narrador retoma uma lei de 1824, que limitou o número de criados domésticos para no máximo três, mas essa retomada está em função de analisar como seu resultado prático foi o oposto. As famílias proprietárias, ao invés de limitar o número de

---

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>69</sup> Ver nota explicativa de John Gledson na página 97 de *Bons Dias!* (2008).

<sup>70</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 96.

escravos em suas casas, passaram a cobiçar ter sempre no mínimo três criados, para simbolizar, assim, o seu poder econômico. É à luz dessa conclusão que o narrador apresenta a sua ideia.

Do ponto de vista prático, a proposta é inviável. Não era possível resolver o impasse gerado pelo desejo dos libertos em não mais seguir trabalhando no campo, passando agora a empregá-los como trabalhadores domésticos. Não se tratava de um problema de status social, mas uma questão de como a economia do país funcionaria a partir do fim da escravidão. Nesse sentido, ao apresentar as ideias do narrador podemos ver a ironia presente no texto, que foi habilmente construída pelo autor. Esse recurso vai revelando a mesquinhez dos planos da classe dominante, da qual o narrador é parte e cujo pensamento estreito sempre se volta, em primeiro lugar, para seus próprios interesses. Essa ideia se relaciona em particular com o valor das aparências, que simbolizam o poder e as posses dos senhores, mas era impotente para dar uma solução em relação ao emprego de milhões de negros libertos. No entanto, para trabalhar com esses temas, Machado buscou construir alegorias e imagens em suas crônicas. Ao tentar expressar de forma mais profunda a dinâmica das relações que iam além dos fatos, ele conseguiu representar os limites da classe em ascensão naquele momento.

Outro aspecto importante sobre as questões estruturais em relação à abolição que essa passagem consegue apreender é o papel da agricultura na sociedade. Como herança de uma economia agrária e latifundiária, o Brasil até então não tinha passado por um processo de modernização industrial mais concentrado. A abolição tinha como consequência que as massas negras, em sua maioria condenadas ao trabalho nos latifúndios, agora poderiam escolher onde trabalhar. É claro que esse poder de escolha estava limitado ao funcionamento do sistema capitalista brasileiro, que estava em desenvolvimento, e ao fato de que aqueles que não detêm os meios de produção precisam vender a sua força de trabalho. Mesmo assim, isso gerava um outro tipo de problema para a classe dominante, e as ideias do narrador expressam isso: não existia nenhum projeto alternativo como a industrialização, somente empregos precarizados.

Assim, vemos dois elementos que atuaram de forma combinada na formação da sociedade brasileira: a manutenção das características aristocráticas e suas heranças coloniais, ao mesmo tempo que começam a surgir problemas típicos de

um mundo burguês. O conflito entre as classes sociais se complexificou ainda mais no momento em que a lei para a abolição completa vai se tornando algo quase inevitável. Do ponto de vista legal, isso significará que uma massa desempregada e sem propriedade, os ex-escravos, vai precisar vender sua força de trabalho para sobreviver.

Essas questões surgem na crônica desde a perspectiva do narrador, que comenta esses aspectos sempre observando as consequências desses atos para ele e sua classe. As ações nunca são pensadas sob o ponto de vista de um suposto ideal de democratização, defesa da liberdade ou de princípios ligados a um projeto mais amplo de sociedade. Seus objetivos estão atrelados a seus interesses particulares, uma atitude típica da classe em ascensão, a burguesia. Ainda que indiretamente tem de mascarar como fruto de uma preocupação com o bem comum, rapidamente esses objetivos são revelados por ele próprio. A ironia presente no texto está em função justamente de demonstrar essa contradição e permite identificar um viés profundamente crítico desse processo.

Na crônica do dia 4 de maio, esse trabalho de elaboração ficcional fica ainda mais evidente. O narrador se apresenta como doente, um recurso utilizado para figurar essa debilidade da classe dominante em ter uma postura decidida diante de um momento central:

...Desculpem, se lhes não tiro o chapéu; estou muito constipado. Vejam; mal posso respirar. Passo as noites de boca aberta. Creio até, que estou abatido e magro. Não? Estou; olhem como fungo. E não é de autoridade, note-se; *ex-auctoritate qua, fungor*, não senhor; fungo sem a menor sombra de poder, fungo à toa...<sup>71</sup>

A incapacidade do narrador, reconhecida por ele próprio como uma debilidade diante das necessidades que se colocam, também está associada à falta de autoridade para conseguir intervir nos acontecimentos históricos. A doença aparece como uma explicação da dificuldade de se colocar diante dos fatos e podemos ver nela uma referência à localização de parte da classe proprietária brasileira: por mais que tivessem protelado esse momento, eram incapazes de manter o regime escravista. No entanto, também não conseguiam apontar uma solução

---

<sup>71</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 99.

revolucionária para colocar de pé outra forma de organização social que significasse uma ruptura com a herança colonial. Pelo contrário, foram avessos a qualquer transformação mais radical da sociedade.

A escravidão era um dos pilares de todo período anterior do país, mas agora estava chegando ao fim, e a reconfiguração das relações sociais depois desse acontecimento era motivo de preocupação das classes econômicas e políticas dominantes. Por décadas, muitas medidas foram tomadas no intuito de diminuir o impacto revolucionário de uma ruptura profunda com a sociedade colonial, garantindo dessa forma a continuidade das suas bases fundamentais, ainda que sob um regime de trabalho livre. A crônica consegue, nas entrelinhas, transmitir essas preocupações, com o narrador reconhecendo que deveria cumprir um papel muito superior nesse momento, ao dizer que “se alguma vez precisei de estar de perfeita saúde é agora, e por várias razões.”<sup>72</sup> Nesse caso, a doença se constitui como alegoria para representar essa dificuldade em responder aos fatos.

No entanto, o acontecimento central que despertava agora a atenção de todos era a abertura dos trabalhos nas câmaras, onde provavelmente seria debatida a lei da abolição: “o discurso da princesa, o anúncio da lei de abolição, as outras reformas, se as há, tudo excita curiosidade geral, e naturalmente pede uma saúde de ferro.”<sup>73</sup> Vemos um narrador que não consegue acompanhar o desenrolar dos fatos, que apenas fica à margem dos acontecimentos.

Ligada a essa questão também é interessante toda referência à política do Ceará. Para contextualizar a discussão da crônica, primeiro é importante saber que essa província foi a primeira do país a abolir a escravidão, em 1884. Uma conquista que não foi produto das disputas por cima entre os partidos políticos e a classe dominante, como tentam colocar grande parte dos historiadores burgueses. A abolição no Ceará teve como impulso decisivo uma greve de jangadeiros. Devido às consequências da seca de 1877, a venda de escravizados para outras regiões do país se transformou na principal fonte de receita para a província do Ceará. No entanto, em 1881 os jangadeiros se recusaram a transportar, do Porto de Fortaleza para os navios negreiros, os escravizados que seriam vendidos para outras províncias. Ao conseguir paralisar o tráfico por alguns dias, essa greve impulsionou

---

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 99.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 99.

todo o movimento abolicionista na província, inclusive conquistando as alforrias na Vila do Acarape, atualmente município de Redenção.<sup>74</sup>

Na crônica, esses fatos sequer são mencionados, mas eles constituem parte das preocupações do narrador, ainda que tente localizar que a importância da política do Ceará esteja relacionada com outros objetivos. Em um primeiro momento, existe um diálogo praticamente incompreensível para qualquer pessoa. Contudo, as questões implícitas que seguem demonstram como o desejo do narrador não era somente compreender as disputas políticas específicas dos grupos daquela província, mas entender como esses aspectos estavam relacionados com as disputas políticas colocadas em todo país. Para análise desse ponto, vejamos uma passagem mais extensa que nos ajuda a compreender melhor como esses elementos se apresentam na crônica:

Dadas estas explicações, pediria eu ao Sr. Dr. Castro Carreira que me desse algumas notícias mais individuais dos grupos Aquirás e Ibiapaba... S. Exa., com fastio.

— Notícias individuais? Homem eu não sei política individualista; eu só vejo os princípios.

— Bem, os princípios. Sabe que o grupo Aquirás, com um troço liberal, tomaram conta da mesa: mas o grupo Ibiapaba acudiu com outro troço liberal, e puseram água na fervura. Quais são os princípios?

— Os primeiros de todos devem ser os da boa educação, sem os quais não há boa política. Dai-me boa educação, e eu vos darei boa política, diria o Barão Louis. São os primeiros de todos os princípios.

— Os segundos...

— Os segundos são os comuns — ou que o devem ser a todos os partidários, quaisquer que sejam as denominações particulares, refiro-me ao bem da província. É o terreno em que todos se podem conciliar.

— De acordo; mas o que é que os separa?

— Os princípios.

— Que princípios?

— Não há outros; os princípios.

---

<sup>74</sup> Sobre o movimento abolicionista no Ceará ver: SANTOS, M. E. V. dos. Antes do 13 de maio: o 25 de março no Ceará e o movimento abolicionista em Pernambuco. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 53, p. 149-183, 2016; MARTINS, P. H. de S. Processo de abolição no Ceará: História, memória e ensino. *Revista Historiar*, Sobral, v. 6, n. 11, p. 06-25, 2014.2; MOURA, Clóvis. *Rebeliões na Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 65.

— Mas Aquirás é um título, não é um princípio; Ibiapaba também é um título.

— Há entre o céu e a terra mais acumulações do que sonha a vossa vã filosofia...

— Pode ser, mas isto ainda não me explica a razão desta mistura ou troca de grupos, parecendo melhor que se fundissem de uma vez com os antigos adversários. Não lhe parece?

— O que me parece, é que a princesa vem chegando.

Corríamos a janela; víamos que não, continuávamos a entrevista, à maneira americana, para trazer os meus leitores informados das coisas e pessoas. O meu interlocutor, vendo que não era a promessa, olhava para mim, esperando. Pouco ou nenhum interesse no olhar; mas é ditado velho, que quem vê cara não vê corações. Certo fastio crescente. Princípio de desconfiança de que eu sou mandado pelo diabo. Gesto vago de cruces...

— Há os Rodrigues, os Paulas, os Aquirases, os Ibiapas; há os...

— Agora creio que é a princesa. Estas trombetas... É ela mesma adeus, sou da deputação... Apareça aqui pelo Senado... No Senado, não há dúvidas...

Mas eu pegava-lhe na mão, e não vinha embora sem alguns esclarecimentos. Tudo perdido, por causa de uma coriza! Coriza dos diabos, agora ou nunca, chegaríamos a entender aqueles grupos; e perde-se esta ocasião única, por tua causa, infame catarro, monco pérfido!... Tuah! Vou meter-me na cama.

*Boas Noites.*<sup>75</sup>

Nessa passagem, todo diálogo se estabelece a partir da busca do narrador por compreender melhor o que pautava cada divisão partidária no Ceará. Por mais que o interlocutor afirmasse que eram os princípios, nunca ficam claros quais são esses princípios. Inclusive, em nenhum momento é mencionado o impacto das lutas que permearam a província. Todo o diálogo demonstra, na verdade, como a conciliação dos interesses próprios das classes dominantes, denominados como os interesses comuns para o “bem da província”, vem sendo a forma política predominante naquele estado.

A interrupção da discussão pela expectativa de anúncio da princesa traz à tona novamente como a classe política brasileira, que era também a classe proprietária e dominante, estava paralisada. Seus partidos políticos foram incapazes

<sup>75</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 100-101.

de tomar uma ação que respondesse ao problema colocado. A única alternativa que restava era esperar que uma classe já em decadência, a monarquia, pudesse responder ao problema da abolição, afinal os setores liberais eram incapazes de levar a cabo esse, que em teoria, deveria ser um princípio do seu partido. Entretanto, para o narrador, a culpa pela não compreensão dos acontecimentos está na doença que o acometeu.

Seguindo nossa análise, chegamos na crônica de 11 de maio de 1888, em que podemos verificar um interessante trabalho dialético de organização de forma e conteúdo. Novamente vemos o narrador se expressar como alguém superior em comparação com o resto da população, afirmando que não se contenta com as comemorações fáceis, mas busca arrancar o significado dos fatos. A soberba, presente desde o primeiro comentário, não consegue esconder como ele “custava a achar uma opinião”<sup>76</sup>.

Isso não o impede, é claro, de recusar frontalmente a explicação, advinda de um socialista, sobre como os conflitos que levaram à queda da escravidão estavam associados a problemas mais profundos e que a acumulação de propriedade gerava miséria, sendo, portanto, necessário “uma grande revolução econômica”. Essa rejeição aberta a essas explicações, mencionada de passagem no início da crônica, permite ver também como a tão almejada busca pela verdade dos fatos não é desconectada da posição social e ideológica do narrador. A argumentação, sempre ao redor das suas opiniões, não esconde sua grande preocupação: a fuga em massa dos escravos das fazendas, que se tornaram frequentes em Campos e Ouro Preto, a partir de março de 1888.

Como aborda o sociólogo Clóvis Moura, “a existência da escravidão nas colônias proporcionou o desenvolvimento do capitalismo industrial nas metrópoles”<sup>77</sup>, ou seja, ainda que essa forma de trabalho não se manifestasse nos países europeus, é impossível separar como a escravidão foi, durante um longo período, um dos alicerces da sociedade burguesa. Ao longo do século XIX, o processo de expansão capitalista foi acumulando contradições que impossibilitavam a permanência da escravidão negra. Como as próprias crônicas de Machado de Assis retratam, a abolição não foi produto da boa vontade da classe dominante, que de

---

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 103.

<sup>77</sup> MOURA, Clóvis. *Rebeliões na Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 53.

repente passou a reconhecer os horrores desse sistema de exploração, mas produto do desenvolvimento histórico no qual as disputas entre as classes sociais iam se agudizando.

No Brasil, a primeira lei destinada a responder essa questão foi a Eusébio de Queirós, em 1850, tornando ilegal o tráfico de escravos. Apesar da resistência dos setores mais conservadores da sociedade, os anos que se seguiram até o 13 de maio de 1888 foram permeados por profundos processos de lutas e um acúmulo de contradições sociais, políticas e econômicas. O desejo do narrador da crônica é compreender a questão imediata das fugas, mas isso está absolutamente relacionado com a análise do processo histórico que levou até aquele momento, perpassando por todas essas questões. No entanto, sua busca não tem o objetivo de escolher o melhor caminho para todos os setores da sociedade, mas se relaciona principalmente com o objetivo de encontrar um caminho para que sua classe siga dominando, e que essa transformação de profundo impacto não signifique a sua bancarrota.

Não é novidade para ninguém, que os escravos fugidos, em Campos, eram alugados. Em Ouro Preto fez-se a mesma coisa, mas por modo mais particular. Estavam ali muitos escravos fugidos. Escravos, isto é, indivíduos que, pela legislação em vigor, eram obrigados a servir uma pessoa; e fugidos, isto é, que se haviam subtraído ao poder do senhor, contra as disposições legais. Esses escravos fugidos não tinham ocupação; lá veio, porém, um dia em que acharam salário, e parece um bom salário.<sup>78</sup>

Essa passagem demonstra que o problema colocado para um setor da classe proprietária era, sobretudo, que o direito à liberdade não entrasse em contradição com a garantia da propriedade: “lá que eu gosto da liberdade, é certo, mas o princípio da propriedade não é menos legítimo”.<sup>79</sup> Ou seja, já nesse momento se revelava como, pelas características particulares da sociedade brasileira e seu papel no desenvolvimento capitalista internacional, se expressa um claro limite das ideias burguesas e liberais. A contradição é que a escravidão sempre fora um pilar fundamental da dinâmica das relações sociais no Brasil e os trabalhadores escravizados eram vistos como mera propriedade. Portanto, no âmbito das ideias

---

<sup>78</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 104.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 104.

era impossível alterar esse papel, já que entravam em conflito princípios fundamentais do liberalismo: a liberdade e a propriedade.

Esse é um dos aspectos mais importantes que Machado conseguiu apreender em suas crônicas: a impotência da classe dominante para resolver a contradição profunda que nasce junto com a formação do sistema capitalista brasileiro. Resquícios que até hoje estão presentes na forma como o racismo se materializa, por exemplo, na desigualdade salarial entre negros e brancos, nas posições de trabalho precário onde estão concentradas a maioria dos trabalhadores negros, entre outros aspectos.<sup>80</sup> Nos postos mais precários do trabalho, como a terceirização e a uberização, estão negras e negros. O Brasil também é um dos países com o maior número de trabalhadores domésticos do mundo, em sua ampla maioria mulheres negras.

A fuga dos escravos também se relaciona com esse debate, pois o desejo dos proprietários de receber uma indenização, se somava à preocupação com os novos custos para o emprego da mão de obra que a abolição significaria. Um problema complexo que seguiria por anos, e para o qual a única certeza do narrador é que “em todas as lutas, estou sempre do lado do vencedor.”<sup>81</sup> Nessa afirmação é possível verificar como ele próprio compreende esse problema do trabalho como uma luta entre diferentes setores, na qual para que um ganhe o outro deve perder. Desde o ponto de vista marxista, essa questão foi tratada como a disputa entre classes antagônicas, que no capitalismo se dá de forma mais aberta na disputa entre burguesia e proletariado. Ambas as classes ainda estavam se formando no Brasil do século XIX, mas já era evidente como seus interesses eram opostos.

Nesse sentido, uma questão muito debatida era justamente a indenização, defendida até mesmo pelo presidente da Confederação Abolicionista, João Fernandes Clapp<sup>82</sup>, que representava uma ala dentro do movimento. Como aponta Clóvis Moura, era possível dividir o movimento abolicionista em três grupos: um primeiro denominado moderado, que excluía o papel dos escravizados diante dessa luta, da qual Clapp era um dos representantes; um segundo grupo denominado radical, que buscava concentrar suas ações para os próprios setores escravizados;

---

<sup>80</sup> ASSIS, Odete; HELENA, Daphnae. Formação e anatomia da classe trabalhadora feminina e negra no Brasil. In: PARKS, Letícia; ASSIS, Odete; CACAU, Carolina (org.). *Mulheres Negras e Marxismo*. São Paulo: Edições Iskra, 2021, p. 111-131.

<sup>81</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 104.

<sup>82</sup> O próprio Machado de Assis cita essa posição de Clapp na crônica.

e um terceiro, formado pela classe operária assalariada, que devido as formas de organização do trabalho no país ainda tinha pouco peso em comparação com sociedades de desenvolvimento capitalista mais avançado, mas desde as suas primeiras lutas sempre se colocou contra a escravidão negra.<sup>83</sup> Esses aspectos aparecem nas crônicas de Machado a partir de alusões ou diretamente citações a figuras históricas ou acontecimentos que apareciam nos jornais durante os dias da abolição, o que ajudava a conferir um adensado pano de fundo histórico para os comentários do narrador.

Por fim, é interessante observar como a crônica termina sem que o narrador consiga formular a tão almejada opinião profunda que o difere do resto da população. No entanto, o diálogo final esboça uma questão inevitável para pensar os rumos do país: a possibilidade de que toda a mudança nas formas de trabalho implique também uma mudança no regime político do país.

— É o senhor; o senhor é que perdeu o pouco juízo que tinha. Aposto que não vê que anda alguma coisa no ar.

— Vejo; creio que é um papagaio.

— Não, senhor; é uma república. Querem ver que também não acredita que esta mudança é indispensável?

— Homem, eu, a respeito de governos, estou com Aristóteles, no capítulo dos chapéus. O melhor chapéu é o que vai bem à cabeça. Este, por ora, não vai mal.

— Vai pessimamente. Está saindo dos eixos; é preciso que isto seja, senão com a monarquia, ao menos com a república, aquilo que dizia o Rio-Post de 21 de junho do ano passado. (...) <sup>84</sup>

Nesse diálogo a possibilidade do Brasil se tornar uma república é algo que paira no ar, no entanto, um dos interlocutores confunde essa possibilidade com uma brincadeira de criança: soltar papagaios. Essa forma de tratar o assunto, primeiro comparando-o com um papagaio, depois fazendo referência a um filósofo como Aristóteles para tratar do tema confere ao diálogo elementos da contradição de como uma ala da classe dominante pensava esse tema. O melhor regime político é o que satisfaz suas necessidades.

<sup>83</sup> Ver "A formação da classe trabalhadora: primeiros momentos" disponível em MATTOS, Marcelo Badaró de. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 13-31.

<sup>84</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 104.

É interessante observar como essas crônicas da série, apesar de terem sido escritas ao calor dos acontecimentos que envolveram a assinatura da Lei Áurea, conseguiram formular aquilo que o narrador tanto deseja, mas não consegue alcançar: apresentar uma opinião profunda sobre os fatos. A forma com que essa perspectiva se revela não é diretamente pelos comentários do narrador. Não são questões formuladas por ele em si o que nos permite uma leitura mais profunda dos fatos, mas como o autor ficcionaliza o gênero crônica para expressar, com a construção de uma voz narrativa, uma perspectiva histórica mais profunda sobre os acontecimentos.

### 3.3 “Tu és livre?”

Uma das crônicas mais conhecidas dessa série é a do dia 19 de maio de 1888, na qual o narrador se apresenta como pertencente a uma família de profetas, diz ter se antecipado aos acontecimentos e relata como concedeu a alforria a um “molecote” que trabalhava para ele. Com características semelhantes a um conto, cada detalhe da história constitui uma rica fonte de informações, repleta de ironia e sarcasmo com a classe dominante e sua condução do processo em curso. Ao contar sua história, o narrador busca elevar sua ação como um grande ato que antecipa a abolição completa. Contudo, a força da crônica se dá por como Machado de Assis trabalhou cada detalhe para que através das palavras do próprio narrador pudéssemos identificar uma conduta que não é somente individual, mas representa muito do pensamento típico da classe proprietária naquele momento.

A construção da ironia e do sarcasmo nessa crônica são exemplos das marcas muito características da prosa machadiana, por isso, vale a pena uma análise detida. Em primeiro lugar, ela começa com o narrador afirmando: “eu pertenço a uma família de profetas *après coup*, *post facto*, *depois do gato morto*”.<sup>85</sup> As expressões utilizadas para complementar o tipo de família de profetas que o narrador diz pertencer são bastante reveladoras da contradição existente nessa afirmação. O termo francês *après coup* quer dizer “em retrospectiva”, o termo latim *post facto* significa “depois do fato”, e vem seguido da expressão em português

---

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 109.

“depois do gato morto”. Esse recurso revela duas características importantes desse narrador: a forma como busca demonstrar conhecimento de mundo e um certo refinamento ao utilizar expressões em outras línguas, e a migração que ele faz na mesma frase, mesclando essas expressões com uma outra de origem popular na língua portuguesa. Além desses elementos, essa afirmação não deixa dúvidas: o narrador afirma pertencer a uma família de profetas que prevê coisas depois que elas acontecem, o que em si é uma contradição já que os profetas deveriam prever o futuro.

Toda narrativa sobre a conduta do narrador diante da alforria de Pancrácio confirma a afirmação feita logo no início da crônica e, mesmo tendo clareza de que não existe nada de grandioso em prever coisas depois que os fatos já aconteceram, ele segue narrando sua ação como se fosse algo capaz de o diferenciar de todos os outros. A questão se complexifica quando, para comprovar sua perspectiva, o narrador menciona a data que ele tomou a decisão de conceder a alforria, “na segunda-feira”<sup>86</sup>, ou seja, apenas alguns dias antes da assinatura da Lei Áurea, sendo que já estava claro há muito tempo que era impossível continuar mantendo a escravidão e o próprio governo já havia anunciado que aconteceria a abolição.

Olhando um pouco além da primeira impressão e considerando a perspectiva de classe do narrador, é possível identificar o objetivo por trás dessas afirmações. A abolição era um fato iminente – isso é possível identificar nas próprias crônicas anteriores da série –, mas foi somente nesse momento que o narrador teve certeza de que não poderia obter nenhum benefício com a nova lei, pois já estava claro que ela viria sem a possibilidade de indenização para os proprietários, o que havia sido um grande debate no período prévio. Então, como um profeta dos fatos consumados, ele decide sua ação pensando como poderia obter algum benefício diante da “perda material” do escravizado como sua propriedade e, por isso, faz o banquete da alforria visando uma futura eleição para algum cargo político com honras de defensor da liberdade, o que voltaremos em breve a comentar. Vemos que a intenção de Machado na construção da crônica é debochar do nível de atraso da classe dominante, que só aceita a abolição depois que ela é praticamente imposta e, ainda assim, busca tirar vantagem.

---

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 109.

Existe ainda um segundo elemento implícito no primeiro parágrafo que é digno de comentário e análise. Pancrácio é descrito como um molecote de mais ou menos dezoito anos, mas, considerando que a Lei do Ventre Livre definiu que todos os bebês nascidos de mulheres escravizadas seriam livres a partir de 28 de setembro de 1871, não está descartada a possibilidade de que esse jovem pudesse ter nascido depois desse momento. De toda forma, a Lei na realidade não teria garantido de fato a liberdade das crianças, pois estabelecia que os filhos de escravizados permaneceriam junto à mãe, vivendo no cativeiro até os 8 anos de idade, e dos 8 aos 21 anos continuariam na propriedade do senhor ou, se ele não os quisesse mais, ficariam sob a tutela do Estado. Entretanto, é importante desconfiar do narrador, mesmo não sendo possível confirmar de fato a idade do rapaz, levando em conta os motivos implícitos em seu desejo de contar essa história sobre a alforria de Pancrácio. Ou seja, sua intenção não é demonstrar os mais fortes argumentos sobre a importância de garantir a plena liberdade para os escravizados, mas está baseada numa busca pelos benefícios que a imagem de defensor da liberdade poderia garantir para ele e para sua classe nesse momento. Esse aspecto é confirmado pela afirmação: “alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.”<sup>87</sup>

A partir desse primeiro parágrafo introdutório, o narrador descreve toda a cena do jantar buscando transmitir para os leitores uma imagem de que ele era modesto, um recurso que Roberto Schwarz denominou como a desfaçatez de classe dos narradores machadianos.<sup>88</sup> Todas as honrarias à sua ação vinham de outras pessoas, que reconheciam seu grande ato, ao ponto de chamar de “banquete”, de sair nas notícias como tendo trinta e três pessoas, assim como a idade de Cristo. Contudo, ao anunciar sua ação, o próprio narrador se acusa, devido a tradução incorreta de uma expressão linguística francesa:

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade do meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as

---

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>88</sup> SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 16.

mesmas ideias e imitar meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.<sup>89</sup>

Ao anunciar o *coup du milieu*, vemos por um lado, parte da influência dos hábitos franceses na cultura da classe proprietária brasileira, com o uso dessa expressão para definir uma bebida que é acompanhada por brindes no meio do banquete. E por outro, vemos como o narrador cai em um patriotismo ridículo, quando tenta afirmar a identidade nacional com a tradução dessa expressão, pois se equivoca e afirma que era o “golpe do meio”. No entanto, para o sentido da crônica, essa afirmação também demonstra como as próprias palavras do narrador revelam suas intenções de fundo. Sua ação não era digna de brinde, mas em certa medida era um golpe contra Pancrácio. Um golpe feito aos olhos de todos, utilizando-se inclusive das ideias religiosas para se afirmar como grande defensor da liberdade, um precursor dos acontecimentos cujas ações deveriam ser seguidas por todos. Em cada ação que descreve, vai reafirmando sua enorme prepotência, desde como narra o agradecimento de Pancrácio até como descreve o quanto esse ato comoveu a todos os presentes, ao ponto do narrador supor que vão pintar seu retrato a óleo.

No capítulo dedicado a *Bons Dias!* em seu livro *Machado de Assis: Ficção e História*, John Gledson defende que o autor tinha um objetivo com essa série: comentar livremente sobre a escravidão, afirmando que o seu início se dá justamente quando já era claro o fim do período escravocrata.<sup>90</sup> Essa hipótese de Gledson contribui para uma análise sobre como a obra expressa em forma literária os acontecimentos históricos do final do século XIX. Inclusive, ressalta a importância de entender o estilo de escrita machadiano, onde as intenções do narrador estão além das aparências e o significado de algumas afirmações precisa ser desvendado pelos leitores. No entanto, o crítico vincula muito as opiniões do próprio narrador com as de Machado, atribuindo ao último um ceticismo com o curso dos acontecimentos, quando, do nosso ponto de vista, o ceticismo do autor está mais ligado à capacidade de transformação da classe dominante brasileira.

---

<sup>89</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 109.

<sup>90</sup> GLEDSON, John. Capítulo 3 - *Bons Dias!* In: GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e história*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 135-185.

Partindo de reconhecer esse aspecto, Sidney Chalhoub<sup>91</sup> debate com Gledson como ir além das aparências iniciais da crônica permite ver que nelas estão contidas uma explicação do próprio Machado sobre as mudanças em curso no país. Mudanças que podem ser definidas por três aspectos essenciais do processo histórico que foram determinantes para a abolição nas duas décadas anteriores, sendo eles: como o conflito entre a primazia da liberdade e a defesa irrestrita da propriedade privada provocavam rachas dentro da própria classe dominante; o fato de que a política de alforria era utilizada como uma prerrogativa dos senhores para submeter os escravizados a seus interesses de exploração do trabalho, mas essa atitude como política de manutenção da dominação tinha falido; e a mais difícil de ser percebida, que é como a luta dos próprios negros é abordada nessa crônica.

Em relação à discussão sobre a liberdade e propriedade na crônica de Pancrácio, o narrador tenta a todo tempo se afirmar como um grande defensor das suas ideias de liberdade como uma continuidade daquelas defendidas por Cristo, usando novamente dos aspectos místicos-religiosos para elevar sua posição. No entanto, a ironia se faz presente quando ele se diferencia dos outros homens e dos poderes públicos que são “sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra”<sup>92</sup>, mas sua ação havia sido apenas alguns dias antes da Lei Áurea, quando já era clara a abolição completa. Nesse sentido, é interessante ver como as colocações desse personagem são profundamente características da classe dominante em ascensão, ou seja, da burguesia, cujo direito à propriedade privada vive em constante conflito com a proclamada liberdade, igualdade e fraternidade da sua revolução. Afinal, em uma sociedade dividida em classes, é impossível garantir esses direitos plenamente para todos, mas a garantia da dominação material precisa estar envolta nesse véu ideológico sobre a organização da sociedade.

Esses aspectos estão conectados com a segunda premissa apontada por Chalhoub. Ainda que a aprovação da Lei do Ventre Livre em 1871 tenha se configurado como uma via de atrasar o processo de libertação total dos escravos, ela já era uma expressão distorcida de como estava se tornando insustentável a manutenção da dominação de classe pela via da escravidão. Nos anos posteriores

---

<sup>91</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 12-47.

<sup>92</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 111.

até a aprovação da Lei Áurea, foi aumentando o questionamento da escravidão, e cada nova lei aprovada buscava dar conta disso por via de uma política de conciliação pelas instituições, atrasando o processo de abolição completa pela via da luta de classes.

Em relação a esse tema é interessante também localizar um contraponto à afirmação de Gabriela Betella de que “somente no Brasil escravista a liberdade pode ser vista como resultado de um favor do mais poderoso e não como um direito do explorado; somente aqui o valor da liberdade pode ser materializado no rombo que seu exercício causou nas posses do explorador.”<sup>93</sup> Localizar desse modo a questão leva a dois problemas centrais. O primeiro é desconsiderar que essa visão não é algo inerente à sociedade em seu conjunto, mas parte de um determinado ponto de vista, o do narrador, cujas opiniões expressas não podem ser dissociadas da sua condição material e ideológica alinhada à classe proprietária. Para Betella, existe uma correspondência entre o nome de Pancrácio e o seu papel social como representante da força de trabalho, em que “a subserviência ultrapassa a condição livre e os âmbitos de dependência física para configurar uma subserviência mental, pois o trabalhador se convence, de fato, de que deve continuar ali.”<sup>94</sup> No entanto, toda história é contada pelo ponto de vista do proprietário, que tem como objetivo fazer desse ato um palanque para sua carreira política e, como analisamos, desde o início da crônica é perceptível como ela está repleta de ironias e que o narrador não é alguém muito comprometido com a veracidade dos fatos.

O segundo problema dessa análise de Betella é localizar as particularidades das estruturas sociais brasileiras como algo muito diferenciado da lógica de funcionamento do sistema capitalista internacional. Ao dizer que “somente no Brasil escravista” pode-se ter essa visão sobre a liberdade, desconsidera-se o papel da colonização e da escravidão em comparação a outros territórios do mundo, como parte essencial para o desenvolvimento desse sistema capitalista. Ou seja, esse pensamento aparentemente conservador e atrasado, não é algo inerente aos brasileiros, mas produto de uma sociedade que integra o sistema capitalista, com seus distintos ritmos de desenvolvimento, e cujas bases ideológicas da ideia de

---

<sup>93</sup> BETELLA, Gabriela Kvacek. *Bons Dias!:* o funcionamento preciso da inteligência em uma terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Revan, 2006, p. 104.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 108.

liberdade são condicionadas pela necessidade material de garantia da propriedade privada para a classe dominante.

É evidente que na crônica o narrador busca demonstrar um Pancrácio submisso e pacato. Enfatizando como, mesmo diante do seu “grande ato”, ele aceitou seguir em condição muito semelhante à que vivia antes da alforria, recebendo um salário que mal dava para pagar as despesas básicas da sua própria sobrevivência.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.<sup>95</sup>

O narrador tenta convencer o leitor de que Pancrácio aceitou todas as condições pois estava acostumado a sua vida, essa relação estabelecida era quase um “estado natural”. A ironia está no fato de que a condição dos negros escravizados pós abolição foi justamente o de serem jogados ao mundo dominado pelas regras capitalistas de relação, sua única forma de sobrevivência era vender sua força de trabalho, não havia indenização, não havia terras e ainda eram escassos o direito, com o racismo atuando fortemente para que a condição deles fosse a mais rebaixada possível. Os patrões se aproveitaram dessa situação de opressão profunda, para poder manter sua exploração agora em uma nova forma de relação de trabalho, onde as massas negras seriam livres, mas submetidas a um sistema econômico, político e social que faria de tudo para manter o máximo possível das condições de vida e trabalho dos tempos da escravidão.

Novamente é preciso decifrar Machado de Assis e ver como, no próprio discurso do narrador que aspira uma carreira política com a imagem de defensor da liberdade, também está expresso de forma irônica a representação do medo dele diante da luta negra. Chalhoub entrou nesse terreno mais escorregadio e apontou como a passagem em que o senhor mede a altura de Pancrácio e expressa como ele cresceu “imensamente” pode ser lida também sob a perspectiva invertida da

---

<sup>95</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 110.

situação. Vejamos uma passagem mais extensa na qual o autor desenvolve essa hipótese:

Machado pode estar mais uma vez ironizando o ponto de vista do narrador da crônica, que sempre se autorrepresenta como único sujeito dos fatos descritos. Podemos fazer então uma leitura deliciosamente invertida da situação: é exatamente por reconhecer os maiores poderes de Pancrácio que o senhor se rende às evidências e lhe “concede” a liberdade. O moleque – assim como os escravos em geral – havia crescido “imensamente” nos últimos dezoito anos; isto é, os negros haviam assumido atitudes mais firmes no sentido de obter a liberdade nesse período. Essa interpretação é apoiada ainda pela própria idade de Pancrácio: se ele tinha “mais ou menos” dezoito anos em 1888, havia nascido no início da década de 1870, em torno da data da chamada “lei do ventre livre”. Esse é o momento decisivo do encaminhamento político da crise da escravidão, um momento cuja importância é reconhecida por Machado, como enfatiza Gledson. Ou seja, Machado nota as mudanças significativas a partir do início da década de 1870, e inclui entre as linhas de força do processo as transformações nas atitudes dos próprios negros, ou pelo menos a percepção por parte dos senhores de que algo estava mudando entre os escravos. Pancrácio, “tu cresceste imensamente”.<sup>96</sup>

Coincidimos em grande parte com essa leitura de Chalhoub. Se vamos um pouco além, nos baseando nas discussões dentro do próprio movimento negro contra as visões da ideologia dominante sobre a abolição, podemos afirmar que a luta negra foi parte central dos processos de questionamento da escravidão. E, tendo em vista que Machado de Assis foi um autor cujo traço marcante da sua escrita é justamente o de conseguir captar as linhas definidoras desses distintos processos em forma literária, podemos considerar que essa crônica é uma expressão muito forte desse trabalho.

---

<sup>96</sup> CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas de escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 123-24.

## 4 DA ESCRAVIDÃO AO TRABALHO ASSALARIADO

Em *Bons Dias!*, Machado de Assis faz ácidos comentários sobre como a Lei da abolição não mudou substancialmente a vida dos ex-escravizados e aborda, de forma crítica, diferentes discussões que permeavam o processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Sua abordagem vai muito além dos fatos, pois capta o salto de qualidade das transformações da sociedade brasileira que estava em curso naquele momento, conferindo uma profunda historicidade às crônicas.<sup>97</sup> O resultado da série expressa como o autor compreendeu dialeticamente o processo histórico em curso no país. Isso pode ser percebido com mais evidência na abordagem de três aspectos centrais no Brasil do final do século XIX: a discussão sobre a indenização para os proprietários de ex-escravos, a questão da imigração e a relação entre trabalho escravo e livre. Esses elementos se combinavam com a crise no regime monárquico.

### 4.1 “Esperando a indenização, com todos os diabos!”

O debate sobre se o governo iria indenizar ou não os ex-proprietários de escravos era um tema muito presente em todo período, sendo considerado por muitos setores uma das questões centrais das diferenças entre abolicionistas e escravocratas no período pré-abolição.<sup>98</sup> Na crônica do dia 26 de junho de 1888, pouco mais de um mês depois da Lei Áurea, essa discussão está expressa com altas doses de ironia e sarcasmo. Nela, o narrador retoma o célebre livro de Gógol, *Almas Mortas*, para dizer que se tivesse crédito na praça iria levar adiante uma ideia parecida com a do protagonista do romance. Como de costume, antes de expor seu plano, primeiro o narrador tece comparações entre ele e Tchitchikof, descrevendo-o

<sup>97</sup> Para uma análise mais aprofundada dessa perspectiva, ver “O historicismo como método literário” In CORDEIRO, R. *Quincas Borba: o romance da modernização tardia*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022, p. 19-61.

<sup>98</sup> Em 1883, um panfleto da Confederação Abolicionista do Brasil discutia como ambos os lados confessavam que “a escravidão é um cancro”, “uma gangrena nacional”, afirmando que “abolicionistas e escravocratas estão perfeitamente de acordo na classificação desse crime omnimodo, que se chama escravidão. Em rigor, o ponto único de divergência está na - *Indemnização*”. Disponível em: CONFEDERAÇÃO ABOLICIONISTA DO BRASIL. *Abolição Immediata e sem indenização*: Pamphleto n.1. Rio de Janeiro: Typ. Central de Evaristo R. da Costa, 1883, p. 06. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/174442/000093681.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jan. 2024.

como “um espertalhão da minha marca, ou talvez maior”<sup>99</sup>. O motivo dessa exaltação está no fato de que ele pretende adaptar à cor local a ideia de comprar servos mortos para dar um golpe no governo e receber uma indenização que o tornasse rico. Essa questão da comparação prévia é um recurso muito usado em *Bons Dias!* e serve para ajudar as justificativas do narrador, antes dele expor seu ponto de vista.

Assim, o narrador conta seu plano, que em sua visão é “tão fino como esse, e muito mais honesto”<sup>100</sup>. Sua pretensão é comprar os títulos de propriedades de escravos que foram libertos com a Lei Áurea, colocando a escritura da venda para uma data anterior ao dia 13 de maio de 1888 e, dessa forma, esperar a indenização do governo para lucrar com esse negócio. Toda a descrição do plano não demonstra somente a ambição do narrador, mas como ele domina as leis de valor do capitalismo<sup>101</sup> e quer utilizá-las a seu favor: “quinhentos libertos, a trezentos mil-réis, termo médio, eram cento e cinquenta contos; lucro certo: cento e quarenta e cinco.”<sup>102</sup>

A força da crônica está na construção de uma ironia profundamente enraizada no substrato da realidade. O narrador tenta transmitir a ideia de que seu plano é mais honesto e mais digno do que aquele articulado pelo espertalhão russo. Isso só é possível porque, durante muitos anos, a indenização foi uma forte disputa dentro da sociedade brasileira. E, mesmo com a aprovação da Lei Áurea sem essa previsão, ainda seguia existindo setores dentro da sociedade que a defendiam. Ao mesmo tempo, por mais que para algumas pessoas a atitude proposta possa ser condenável do ponto de vista moral, o fato dela se basear na lógica capitalista da busca pelo lucro demonstra a contradição dos novos valores que estavam avançando na sociedade e como, em alguma medida, eles se conectavam com a exploração dos negros escravizados mesmo após a abolição.

A sociedade russa e a brasileira tinham em comum o fato de serem economias atrasadas em relação ao desenvolvimento capitalista da sua época. No entanto, ainda que não tivessem realizado uma transformação profunda em seus modos de produção, foram adotando certas leis e práticas do sistema capitalista internacional no século XIX. Esse processo se deu de forma combinada com a

---

<sup>99</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 139.

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>101</sup> Marx expôs essas leis pela primeira vez em 1865, no livro *Salário, preço e lucro*. Disponível em MARX, Karl. *Trabalho Assalariado e Capital & Salário, preço e lucro*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

<sup>102</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 141.

permanência da servidão na Rússia e da escravidão no Brasil, sendo esse aspecto o responsável pelas características particulares que configuram a conformação das classes tipicamente capitalistas, ou seja, da burguesia e do proletariado, nas sociedades de cada um desses países.<sup>103</sup>

Esses aspectos constituem as bases materiais e ideológicas que tornavam possível defender a reprodução da ideia de Tchitchikof. Não obstante, a defesa de que essa ideia seria mais honesta no Brasil é um recurso narrativo que confere humor e sarcasmo, e não necessariamente está relacionada a uma base material de diferenças que faria esse tipo de conduta ser mais aceitável em solo brasileiro. Em certa medida, o que torna aceitável essa prática aqui é o próprio pensamento da burguesia em ascensão que, apesar de ter distintas características em cada país, se configura como uma classe cujos interesses extrapolam as fronteiras.

Machado condensa na crônica como estão se enraizando esses valores com mais força na sociedade brasileira. Por trás do pensamento do narrador, está toda a lógica burguesa, cujo dinheiro é produto da exploração e opressão das amplas massas, mas que busca ocultar essa relação sob um véu ideológico, apresentando sua riqueza como fruto do esforço individual e da genialidade daqueles que conseguiram obtê-la. Isso vem de forma combinada com a ideia de que seus interesses particulares como classe são pressupostos universais para “toda humanidade”, valores que são diferentes da antiga aristocracia para a qual o trabalho e o esforço eram reservados aos escravos. No Brasil do século XIX, esses valores se mesclam, pois a burguesia nacional vem do campo.

O narrador é totalmente influenciado por essas ideias e sabe que existem outros setores dentro da sociedade que as compartilham também. A partir dessa compreensão da conformação de classes, Machado ficcionaliza uma figura profundamente influenciada pelos ideais burgueses, mas com as particularidades

---

<sup>103</sup> Leon Trótski desenvolveu em diversas obras uma profunda análise sobre o desenvolvimento capitalista na Rússia, em particular sobre os aspectos desiguais e combinados desse processo, como pode ser visto em seu livro *História da Revolução Russa* (Trótski, 2007). Em relação ao Brasil, os militantes da Liga Comunista Internacionalista produziram uma série de documentos que apresentavam de forma bastante original uma compreensão marxista da formação do país e suas particularidades, como está expresso nos documentos dessa organização política presentes no livro *Contra-corrente da História: documentos da Liga Comunista Internacionalista 1930 – 1933* (Abramo; Karepovs, 2015). Diversos teóricos do marxismo acadêmico nacional também utilizaram aspectos da análise do revolucionário russo como base para suas interpretações sobre o processo de desenvolvimento capitalista brasileiro, ainda que alguns não façam referência direta. Contudo, uma das consequências desses estudos é que a apropriação parcial de alguns conceitos da obra de Trótski, com objetivo sobretudo de análise, terminaram por descolar esses elementos da conclusão sobre a necessidade da revolução proletária e seus desafios no Brasil.

brasileiras, ou seja, se mesclando com os valores dos latifundiários escravistas. Diferentemente dos ingleses, que acumularam capital com o tráfico de escravos e dessa forma se industrializaram, o capitalista brasileiro precisa do crédito para investir. E seu investimento não é para a industrialização do país, é para que o Estado lhe forneça os meios de obter seus lucros, que provém da propriedade e do trabalho de escravos, que ainda são vistos como mercadorias. Dessa forma, a abolição e a possível indenização se tornam uma oportunidade.

Outro aspecto que demonstra as características mais profundas dessa classe está na forma de obtenção do crédito inicial para levar à frente seus “negócios”. A ideia do narrador era conseguir um “empréstimo a casamento”, que poderia ser desfeito caso a indenização não acontecesse de fato. Uma pilhéria habilmente construída por Machado para demonstrar como os capitalistas brasileiros se formaram a partir de uma combinação entre os benefícios da exploração do trabalho negro e dos resquícios da escravidão, mas também pela via da obtenção de crédito cuja procedência não é muito clara, mas está atrelada às relações com os latifundiários e, sobretudo, à dependência do imperialismo internacional.

Além disso, o fato do empréstimo não ser um pedido aberto para o seu negócio, mas um suposto casamento, é outro aspecto que revela muito da combinação entre as relações patriarcais e capitalistas. O casamento civil ainda não tinha sido formalizado nessa época, por isso, se casar passava também pela influência da Igreja. Como aponta Luciano Figueiredo<sup>104</sup>, uma das formas de conseguir a paz social para sustentar o funcionamento do sistema colonial diante das revoltas dos escravos e das instabilidades políticas do século XVIII era a expansão das “famílias legítimas”. Baseada numa mescla entre ideologia patriarcal e racista, a classe dominante necessitava controlar as uniões por fora dos casamentos oficiais e buscava incentivar que o casamento se desse preferencialmente com mulheres brancas. Sob esses pressupostos, a política matrimonial tornou-se um dos objetos centrais da ação do Estado, tendo como grande aliada nesse empreendimento a Igreja Católica, disseminando sua ideologia sobre o que seriam as “famílias legítimas” aceitas por Deus. Ao mesmo tempo, a realização do casamento legal, que era realizado exclusivamente ligado à religião, envolvia uma grande burocracia e o pagamento de taxas muito altas que tornavam extremamente

---

<sup>104</sup> FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 141-188.

caro esse procedimento. Apesar desses fatores, muitos setores buscavam o casamento como uma forma de ascensão social, tratando-o como um contrato econômico das partes, o que está implícito em toda lógica do narrador.

Por fim, o narrador enfatiza que sua ideia era tão boa, que provavelmente outros já deviam fazê-la, discorrendo dessa forma sobre a questão dos aluguéis de escravos. Eis a passagem final da crônica sobre esse tema:

Eu até desconfio que há já quem faça isto mesmo, com a diferença de ficar com os libertos. Sabem que no tempo da escravidão, os escravos eram anunciados com muitos qualificativos honrosos, perfeitos cozinheiros, ótimos copeiros, etc., era, com outra fazenda, o mesmo que fazem os vendedores, em geral: superiores morins, lindas chitas, soberbos cretones. Se os cretones, as chitas e os escravos se anunciassem, não poderiam fazer essa justiça a si mesmos.

Ora, li ontem um anúncio em que se oferece a aluguel. Não me lembra em que rua, — creio que na do Senhor dos Passos, — uma *insigne* engomadeira. Se é falta de modéstia, eis aí um dos tristes frutos da liberdade, mas se é algum sujeito que já se me antecipou... Larga Tchitchikof de meia tigela! Ou então vamos fazer o negócio a meias.<sup>105</sup>

O aluguel de escravos era uma prática muito comum durante os anos de escravidão. Os serviços de escravos negros eram ofertados em anúncios de jornais, constituindo uma fonte de renda das classes proprietárias, podendo ao mesmo tempo dar alguma possibilidade de renda mínima para os escravos, depois é claro de gerar muito lucro para os patrões.<sup>106</sup> Nessa crônica, é possível ver como a crítica do narrador aos elogios expressos nos anúncios demonstra como, para satisfazer suas necessidades de lucro com a exploração do trabalho dessas pessoas, a classe dominante era capaz de discorrer “muitos qualificativos honrosos” para seus escravos.

A forma como o narrador introduz seus comentários dizendo “nos tempos da escravidão” demonstra também uma tentativa de distanciamento desse passado que se torna cômica. Afinal as marcas desse processo ainda seguiam vigentes, a lei da abolição era muito recente em todo país e, devido ao nível de conservadorismo da

<sup>105</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 141.

<sup>106</sup> Sidney Chalhoub abordou esse tema em seus livros *Visões da Liberdade* (2011) e *Machado de Assis: historiador* (2003).

classe proprietária, pouco mais de um mês depois da sua aprovação, ainda existiam muitos negros escravizados. Inclusive, essas marcas são reveladas pelo próprio narrador quando busca demonstrar sua superioridade em relação aos trabalhadores negros, colocando uma certa equivalência entre “cretones, chitas e escravos”, com a intenção de rebaixá-los a uma posição de objetos que não podem falar de si. Isso também pode ser verificado de forma explícita no comentário sobre a possível falta de modéstia em relação ao anúncio da engomadeira como “um dos tristes frutos da liberdade”.

Depois de expor seu plano e dar-se conta de que outros já possam estar levando-o a cabo, o narrador termina com uma proposta de sociedade para os sujeitos que teriam antecipado a sua ideia. Tudo com o uso de um humor sarcástico, articulado de uma forma profundamente crítica em relação à introdução do pensamento capitalista nas relações sociais do nosso país.

#### 4.2 “Aqui temos nós os chins”

Agora, seguiremos para a análise do outro tema central no parlamento e na sociedade daquele momento: a imigração. Na crônica do dia 28 de outubro de 1888, Machado de Assis traz para o debate a lei do Senador Taunay sobre os imigrantes. Contudo, antes de entrar propriamente nesse tema, o narrador discorre sobre outras questões que aparentam ser comentários dispersos, mas que ajudam a compor o quadro das relações entre os debates brasileiros e as discussões do contexto político internacional. Dessa forma, o narrador começa retomando o ditado português “vive a galinha com a sua pevide”<sup>107</sup>, que diante do contexto histórico da crônica pode ter muitos significados, seja o de aceitar quem somos, mesmo com os nossos defeitos, como sugere Gledson, ou o de criticar o contrário, a passividade de seguir vivendo da mesma forma, mesmo diante de questões que nos podem ser bastante prejudiciais.

A frase posterior ao ditado pode nos levar a crer que se trata da primeira opção. O narrador afirma que não existe uma relação de inferioridade entre a polícia brasileira e a de Londres, mencionando como exemplo o famoso caso de um assassino de mulheres e a dificuldade da polícia inglesa para encontrar uma

---

<sup>107</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 187.

solução. Entretanto, imediatamente em seguida temos uma discussão que nos faz desconfiar se a intenção do narrador é mais crítica em vez de conformada. Ele expressa seu desejo de que “aposentemos a Inglaterra”<sup>108</sup>, um país que naquele momento era a principal potência industrial, disputando com a França e os Estados Unidos qual tinha mais influência sobre o sistema político mundial. A influência política desses países se expressam em diversas menções na série, sempre ligadas ao debate sobre qual regime político o Brasil deveria adotar.

Na crônica em questão, vemos um narrador incomodado com a influência da Inglaterra, desejando se libertar dela para pensar os rumos políticos do país. Isso, combinado com seus elogios ao Visconde de Taunay, um ferrenho político monarquista, e a forte pressão que a Inglaterra exercia sob o governo imperial brasileiro desde o início do século, nos leva a supor que o desejo por trás da afirmação é criticar a Inglaterra, porque o narrador é um defensor da escravidão, como veremos mais adiante.

Contudo, em vez de revelar abertamente sua posição, o narrador prefere sugerir que “adotemos a Irlanda”<sup>109</sup>, um país que lutava contra os ingleses pela sua independência política ao final do século XIX. Como aponta Eric Hobsbawm (1988), depois da Comuna de Paris em 1871, que foi brutalmente derrotada com uma forte repressão até então inédita, os governos e as classes dominantes europeias estavam aterrorizadas com a possibilidade de novos levantes. Afinal, esse processo trouxe à tona um problema fundamental das democracias burguesas: a necessidade de universalização dos direitos. A Irlanda era justamente um desses países em que um movimento de massas buscava conquistar sua autonomia política em relação à Grã-Bretanha. Segundo o historiador:

Se a religião encerrava um grande potencial político, a identificação nacional era um fator de mobilização igualmente formidável e, na prática, mais eficaz. Quando a Irlanda — após a democratização do direito ao voto na Inglaterra em 1884 — votou em seus representantes, o partido nacionalista irlandês capturou todos os assentos parlamentares católicos da ilha. Oitenta e cinco parlamentares, entre 103, formaram uma disciplinada falange, em apoio ao

---

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 187 .

<sup>109</sup> *Ibidem*, p. 188.

líder (protestante) do nacionalismo irlandês, Charles Stewart Parnell (1846-1891).<sup>110</sup>

Essa contextualização histórica nos permite compreender melhor a relação entre esses temas políticos e como eles aparecem na crônica, ainda que o objetivo do narrador em utilizar esse exemplo não seja o de fortalecer um movimento democrático, pelo contrário. No caso, essa referência também indica uma posição política de que era necessário um espírito mais nacionalista em nosso país, que lutasse contra a influência inglesa, assim como faziam os irlandeses. No entanto, seu objetivo de fundo era defender suas posições conservadoras. Dessa forma, o lamento de que “nenhum dos nossos deputados é irlandês”<sup>111</sup> pode ser interpretado como uma crítica aos políticos daquele momento, que deveriam ser mais combativos na luta contra a influência inglesa no Brasil. Isso vem acompanhado também da promessa de que, se alguém seguisse esse exemplo, seria “mais bem tratado”.<sup>112</sup>

Assim, novamente temos um narrador aparentemente comentando assuntos variados do noticiário, que para um leitor menos atento aos detalhes pode parecer uma conversa fiada, banal ou, no caso, uma simples lamentação. Na verdade, esses comentários estão muito bem articulados como representação de um discurso político que tem por trás um denso pano de fundo dos acontecimentos históricos. Olhando por esse ângulo, conseguimos perceber quais são as posições políticas desse narrador. Seus comentários compõem um quadro mais geral da sociedade, o que também confere aspectos mais realistas à obra. Ao mesmo tempo, eles ajudam o leitor a construir uma personalidade para esses narradores que nos recebem quase toda semana com seus habituais “Bons Dias!”. Como mencionamos anteriormente e pretendemos retomar ao final, não é possível afirmar que se trata de um único narrador ao longo de toda a série. Existem indícios de que Machado construiu distintas personalidades narrativas para realizar seus comentários nessas crônicas, inclusive pelo fato de o gênero ter maior liberdade nesse quesito do que os romances.<sup>113</sup>

---

<sup>110</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 89.

<sup>111</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 188.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>113</sup> Elemento abordado na introdução deste trabalho.

Voltando à crônica de 28 de outubro, o narrador antecipa uma interrupção do leitor ao discorrer sobre a questão irlandesa: “Já vejo que é nativista!”<sup>114</sup>. Podemos dizer que esse recurso tem o objetivo de tirar o foco das questões anteriores que mencionamos, afinal não estava muito favorável para os escravistas defenderem abertamente suas posições diante da crise do regime imperial. Assim, o narrador leva o debate para um terreno mais favorável, no qual pode encontrar um número maior de adeptos às suas posições, que é a discussão sobre a imigração e quem deve ser considerado brasileiro.

Para desenvolver melhor seu ponto de vista, ele deixa claro que segue defendendo o Senador Taunay, mas apresenta críticas a seu projeto de lei: “a gente pode admirá-lo, sem achar que este último projeto seja inteiramente bom.”<sup>115</sup>. Como John Gledson explica em uma das notas comentadas do livro, o projeto propunha que todas as pessoas com residência fixa no Brasil por mais de dois anos, deveriam ser consideradas cidadãos brasileiros.<sup>116</sup> Esse é o ponto de divergência do narrador, porque incluiria até mesmo os chineses.

É possível ver a ironia machadiana mais uma vez em ação. O narrador primeiro elogia o projeto ao afirmar que naturalizar estrangeiros poderia permitir que eles ocupassem cargos políticos. Reforçando isso, pergunta retoricamente se não seria “muito melhor ter como regente, por ser ministro do Império, um Guizot ou um Palmerston, do que um ex-ministro (Deus lhe fale na alma!) que não tinha este olho?”<sup>117</sup>. Essa reivindicação de duas figuras políticas estrangeiras conservadoras deixa subentendido que falta esse perfil político no Brasil, sendo complementar à crítica que analisamos anteriormente. Guizot era o líder dos monarquistas na França durante o reinado de Luís Filipe I, e Palmerston conquistou um lugar de destaque na política inglesa justamente pelo seu caráter reacionário e autocrático, como definiram Marx e Engels.<sup>118</sup>

<sup>114</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 190.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>117</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>118</sup> Em um artigo de 1861 chamado “O *Times* de Londres e Lorde Palmerston”, Marx apresentou a seguinte definição sobre o político inglês: “A aristocracia, que monopolizara a gestão dos negócios exteriores, primeiro se encolheu em uma oligarquia representada por um conclave secreto chamado o gabinete. Mais tarde, o gabinete foi suplantado por um único homem, Lorde Palmerston, quem, pelos últimos trinta anos, tem usurpado o poder absoluto de comandar as forças nacionais do Império Britânico e determinar a linha de sua Política Externa”. Disponível em: MARX, Karl. *O Times de Londres e Lorde Palmerston*. In: ENGELS, F. e MARX, K. *Escritos sobre a Guerra Civil Americana - Artigos do New-York Daily Tribune, Die Presse e outros (1861-1865)*. 1. ed. Londrina: Aetia Editorial e Editora Peleja, 2020, p. 97. Disponível em:

Em meio a essas críticas, o narrador retoma a exposição do problema em relação ao projeto, pois, apesar do Senador Taunay ser contrário à presença dos imigrantes chineses, a lei também valeria para eles. Ele tenta maquiagem sua opinião como uma crítica a que “este projeto afirma de um modo estupendo a onipotência do Estado”<sup>119</sup>, por obrigar todos os imigrantes a se tornarem brasileiros, inclusive porque é muito burocrático todo procedimento de recusa a essa naturalização. Todavia, suas objeções estão motivadas pelos seus preconceitos raciais, que também incluem os chineses.

A questão chinesa foi um tema amplamente discutido nos anos anteriores. Alguns políticos e setores da classe dominante defendiam que essa era uma possibilidade para acabar com o trabalho escravo negro, substituindo-o por “semiescravos” chineses ou, como se dizia na época, por “chins”. As motivações estavam baseadas em argumentos como os do discurso feito ao Senado pelo primeiro-ministro Cansação de Sinimbu, em 1879:

— O trabalhador chim, além de ter força muscular, é sóbrio, laborioso, paciente, cuidadoso e inteligente mesmo. Por sua frugalidade e hábitos de poupança, é o trabalhador que pode exigir menor salário. Assim, deixa maior soma de lucros àquele que o tem a seu serviço. É essa precisamente uma das razões por que devemos desejá-lo para o nosso país.<sup>120</sup>

Nesse discurso, fica claro que o principal motivo para a defesa da vinda de trabalhadores chineses para o Brasil estava na possibilidade de grandes lucros advindos da exploração do trabalho dessas pessoas, inspirados nas experiências em outros países como Estados Unidos, Cuba e Peru. No entanto, essa ideia encontrava forte oposição dentro da casta política, em grande parte pelos preconceitos raciais e a influência de teorias pseudocientíficas que apontavam a miscigenação como o problema central do atraso da sociedade brasileira. Como

---

[https://www.marxists.org/portugues/marx/guerra/Escritos\\_sobre\\_a\\_Guerra\\_Civil\\_Americana.pdf](https://www.marxists.org/portugues/marx/guerra/Escritos_sobre_a_Guerra_Civil_Americana.pdf) .

Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>119</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 189.

<sup>120</sup> O discurso do Primeiro Ministro, assim como algumas das informações citadas podem ser consultadas em: WESTIN, Ricardo. *No fim do Império, Brasil tentou substituir escravo negro por “semiescravo” chinês. Senado Federal, 2019*. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/no-fim-do-imperio-brasil-tentou-substituir-escravo-negro-por-201csemiescravo201d-chines>. Acesso em: 8 jan. 2024.

explica a historiadora Lilia Schwarcz, ao comentar sobre a influência das teorias evolucionistas e darwinistas presentes na sociedade brasileira do fim do século XIX:

Com efeito, esse período coincide com a emergência de uma nova elite profissional que já incorporara os princípios liberais à sua retórica e passava a adotar um discurso científico evolucionista como modelo de análise social. Largamente utilizado pela política imperialista europeia, esse tipo de discurso evolucionista e determinista penetra no Brasil a partir dos anos 70 como um novo argumento para explicar as diferenças internas. Adotando uma espécie de “imperialismo interno”, o país passava de objeto a sujeito das explicações, ao mesmo tempo que se faziam das diferenças sociais variações raciais. Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos — “classes perigosas” a partir de então — nas palavras de Sílvio Romero transformavam-se em “objetos de ciência” (prefácio a Rodrigues, 1933/88). Era a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades.<sup>121</sup>

Machado foi crítico ferrenho desses discursos, fazendo piada com a forma como os intelectuais e as classes dominantes daquele período adotavam essas teorias. Uma de suas mais célebres obras a respeito é o conto *O alienista*<sup>122</sup>. Essa crítica também se expressou em *Bons Dias!*. Nessa crônica de 28 de outubro, o narrador reivindica o discurso de Taunay contra os chineses, que era totalmente influenciado por essas concepções, como vemos a seguir:

Venham muitos chins, para morrerem aos centos, aos milhares. Deles, ficará apenas o trabalho explorado pelos espertalhões. É um trabalho que se funda na miséria de quem o pratica e no abuso de quem o desfruta. Que erro colossal! Que cegueira!

Acostumado à convivência branda e amistosa dos antigos escravos brasileiros, fazendeiro nenhum será capaz de suportar o contato dos chins. Seus vícios se exacerbam com o uso detestável e enervante do ópio. Só o

---

<sup>121</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 24.

<sup>122</sup> ASSIS, Machado de. *O alienista*. In: GLEDSON, John (org.). *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 38-81.

cheiro que os chins exalam bastará para afugentar o fazendeiro mais recalcitrante.<sup>123</sup>

Esse tipo de discurso expresso pelo Senador, que se opunha à vinda dos trabalhadores chineses reproduzindo diversos preconceitos contra esse povo, era muito comum entre aqueles que eram contrários à proposta. Todavia, em alguma medida também estava na base da lógica dos que acreditavam que poderia ser boa a entrada desses trabalhadores, como se a cor da pele deles pudesse significar e justificar as condições absurdamente precárias de exploração do trabalho. Esses elementos foram bastante ironizados por Machado em outras crônicas, como a do dia 10 de novembro de 1888, em que retoma esse tema da seguinte forma:

Não sei se tenho mais alguma coisa que dizer. Creio que não. A questão chinesa está absolutamente esgotada; tão esgotada que tendo eu anunciado por circular manuscrita, que daria um prêmio de conto de réis a quem me apresentasse um argumento novo, quer a favor, quer contra os chins, recebi carta de um só concorrente, dizendo-me que ainda havia um argumento científico, e era este: “A criação animal decresce por este modo: — o homem, o chim, o chimpanzé...”<sup>124</sup>

Nessa passagem, o narrador leva ao extremo os argumentos racistas sobre a suposta inferioridade dos chineses. Uma passagem que beira o absurdo, mas que era bastante comum naquele momento e embasada nessas teorias. Inclusive, essa mesma referência já havia aparecido na série *Balas de Estalo*, em uma crônica publicada em 23 de outubro de 1883<sup>125</sup>. A série tem como narrador Lélío, cuja característica central é a exacerbação levada ao extremo dos seus argumentos para reforçar seu ponto de vista. Em inúmeras passagens, isso também é marcado pelo caráter mentiroso da sua narrativa.

Como aponta Ana Flávia Cernic Ramos, a crônica mencionada constitui uma forte crítica às ideias do darwinismo social e do evolucionismo, na qual o narrador

<sup>123</sup> WESTIN, Ricardo. *No fim do Império, Brasil tentou substituir escravo negro por “semiescravo” chinês. Senado Federal*, 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/no-fim-do-imperio-brasil-tentou-substituir-escravo-negro-por-201csemiescravo201d-chines>. Acesso em: 8 jan. 2024.

<sup>124</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 195.

<sup>125</sup> ASSIS, Machado de. O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Obra completa em quatro volumes*. 1. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2021, vol. 3, p. 9561-9563. Livro Eletrônico.

mente, apresentando uma carta supostamente do vice-rei da Índia, para intervir na discussão sobre a vinda de trabalhadores chineses para o Brasil.<sup>126</sup> Levando ao extremo alguns argumentos dessas teorias, a carta sugere importar "chim-panzés", citando uma suposta boa experiência que tiveram em suas terras que o permitiram verificar a grande lucratividade dessa empreitada. Essa é a via que Machado constrói para “deflagrar as lacunas dos discursos racistas e evolucionistas que chegavam da Europa”.<sup>127</sup>

Ainda que em *Bons Dias!* o narrador não use de tantas mentiras como a falsificação de uma carta para abordar determinada posição, os elementos que ele expressa a respeito da imigração chinesa estão bastante de acordo com essas concepções. Como demonstra o professor Rogério Akiti Dezem:

Desde a primeira tentativa de D. João VI em 1814 até a década de 1880, o número de chineses (chins ou coolies) que entraram no Brasil (a maior parte no Rio de Janeiro) não ultrapassou 3.000 almas. Apesar do malogro das tentativas e do ínfimo número de trabalhadores chineses que aportaram no Brasil, os debates na Câmara, na Assembleia paulista e na imprensa ilustrada, contribuíram para a construção de arquétipos junto ao imaginário coletivo na transição dos séculos XIX e XX. Ao longo dos anos, a opinião pública ora mera observadora, ora “consumidora” de (pre)conceitos, viu-se atormentada por juízos de valor contra a raça amarela (vista como “semiservil”), calcados no etnocentrismo e nas teorias racialistas em voga. Formou-se dessa maneira o embrião dos estereótipos contra o “amarelo”, avaliado como um perigo para o processo de branqueamento da população brasileira.<sup>128</sup>

Como muito bem abordou Lília Schwarcz, esse tipo de prática cumpria um papel privilegiado no Segundo Reinado, pois os intelectuais brasileiros utilizavam de forma eclética esse pensamento racial europeu, adotando modelos evolucionistas e em especial social-darwinistas:

<sup>126</sup> RAMOS, Ana Flávia Cernic. Das batalhas literárias e sociais surge o “método”: escravidão, trabalho livre e imigração nas crônicas de machado de assis (1878-1883). *Machado de Assis em Linha - Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 11-33, abr. 2018.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>128</sup> DEZEM, Rogério Akiti. A Questão Chinesa (1879) no Brasil. *Revista de Estudos Brasileiros Portuguese Dept., Osaka University*, Osaka. v. 14. p. 1-27, mar. 2018.

Esses, de acordo com Sérgio Buarque de Holanda, tomavam várias concepções, por vezes incoerentes entre si, tal qual “elementos de campanha, que permitiam compreender e até dar soluções a problemas práticos, sobretudo sociais e políticos da condição brasileira” (s. d.: 321). O que interessava não era recordar o debate original, restituir a lógica primeira dessas teorias, ou o contexto de sua produção, mas, antes, adaptar o que “combinava” — da justificação de uma espécie de hierarquia natural à comprovação da inferioridade de largos setores da população — e descartar o que de alguma maneira soava estranho, principalmente quando essas mesmas teorias tomavam como tema os “infortúnios da miscigenação”.

(...)

No caso, o pensamento racial europeu adotado no Brasil não parece fruto da sorte. Introduzido de forma crítica e seletiva, transforma-se em instrumento conservador e mesmo autoritário na definição de uma identidade nacional (Ventura, 1988:7) e no respaldo a hierarquias sociais já bastante cristalizadas.<sup>129</sup>

No Brasil, em que metade da população era negra, à qual a abolição tinha reservado as condições mais precárias de exploração e opressão, essas teorias serviam de base ideológica para justificar a desigualdade social. Também buscavam justificar os fatos de que a Lei da Abolição não tinha transformado substancialmente a vida dos negros, além de que a transformação do regime não iria mudar a realidade. Machado compreendeu esses aspectos e os transformou em matéria de suas crônicas. O que ele expressa nas páginas de *Bons Dias!* está profundamente ligado à afirmação do revolucionário norte-americano, George Breitman:

O racismo hoje opera de uma forma diferente de um século atrás, mas foi mantido depois da abolição exatamente pela mesma razão que se desenvolveu do século XVI em diante: por sua utilidade como um instrumento de exploração; e por essa mesma razão não será abandonado pela classe dominante de qualquer sociedade exploradora desse país.<sup>130</sup>

---

<sup>129</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p 33.

<sup>130</sup> BREITMAN, George. Quando surgiu o preconceito contra o negro. In: PABLITO, Marcello *et al.* *A Revolução e o Negro: textos do trotskismo sobre a questão negra*. 2. ed. São Paulo: Edições Iskra, 2019, p. 49.

Machado tinha clareza de como a classe dominante precisava manter o racismo para garantir a sua exploração, por esse motivo em sua obra é possível identificar críticas como as que analisamos neste trabalho. Longe de uma suposta abstenção do autor em relação a esses temas, o que esperamos ter demonstrado é como, na realidade, ele os abordou de forma sistemática e com bastante profundidade, se tornando assim um crítico feroz da exploração e do racismo.

#### 4.3 “Todas as liberdades são irmãs”

A frase que dá título a esse subtópico foi a conclusão que o narrador da crônica do dia 10 de novembro de 1888 chegou, ao refletir sobre a relação entre a abolição da escravidão e a luta pelo fechamento das portas, que era uma demanda dos trabalhadores do comércio por tempo de descanso. Esse debate se relaciona com a questão dos trabalhadores livres no Império e aparece também nas crônicas dos dias 16 de setembro e 25 de dezembro de 1888. Trata-se de um movimento que ganhou força nas décadas de 1880 e 1890, a partir da organização dos trabalhadores que passaram a construir associações para defender sua luta. Era um movimento que vinha de muito antes, desde a fundação da primeira sociedade de auxílio-mútuo de caixeiros, em 1826.

Ao longo do século XIX, no Rio de Janeiro, os trabalhadores do comércio a retalho, ou seja, das pequenas casas comerciais da cidade, eram predominantemente trabalhadores brancos livres, em sua maioria de origem portuguesa, enquanto nas ruas predominavam trabalhadores de ganho, majoritariamente negros e negras. Havia uma concorrência comercial muito acirrada entre o comércio ambulante e a retalho, o que aumentava a exploração desses trabalhadores por seus patrões. Isso fez explodir a luta dos caixeiros por seus direitos. Durante todo o século, a situação desses trabalhadores brancos e livres era frequentemente equiparada à dos escravizados. Segundo a professora Fabiane Popinigis:

No “baixo comércio” (sobretudo as casas de secos e molhados, casas de pasto, botequins, armazéns e armarinhos), os caixeiros enfrentavam péssimas condições de trabalho e as ambivalências marcantes de sua posição: trabalhavam até 16 ou 18 horas por dia sem descanso semanal,

passando os dias e as noites dentro das próprias casas de comércio, e ficavam sob a vigilância constante do patrão. Esses trabalhadores poderiam receber salários ou soldadas, mas frequentemente passavam anos sem ver a cor do dinheiro, ou porque fossem “aprendizes” ou porque o patrão guardasse seu pecúlio até que fosse suficiente para entrar como capital numa sociedade (finalmente sua “alforria”). Muitas vezes era necessário instaurar um processo pelo não cumprimento do contrato.<sup>131</sup>

Assim, foi surgindo um movimento contra a exploração dos patrões, que lutava pela redução da jornada de trabalho, representada pela demanda do fechamento das portas, para que pudessem ter algum momento de descanso. Devido à importância que essa categoria tinha para o funcionamento da cidade do Rio de Janeiro, essa luta é lembrada como uma das primeiras e mais importantes para a defesa dos direitos dos trabalhadores em nosso país. A primeira crônica de *Bons Dias!* que se remete a esse movimento o referencia de forma secundária em comentário do narrador. Contudo, acompanhada de algumas informações históricas, conseguimos compreender melhor sua importância na própria crônica.

Ao comentar suas opiniões sobre uma peça que assistiu recentemente, o narrador faz a seguinte afirmação: “Começou por uma comédia de Musset: *Il faut qu'une port soit ouverte ou fermée*. Não confundam com o drama de grande espetáculo *Fechamento das portas*, representando há dias no Liceu, com alguma aceitação”.<sup>132</sup> Em nota explicativa sobre essa passagem, Gledson aponta que essa referência pode ter relação com algum incidente da greve de professores que acontecia nesse momento no Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro. Naquele momento, além de ter adotado uma proposta eclética sobre o ensino das artes, cujas bases tinham algumas diferenças com o estilo europeu, o Liceu carioca “criava desenhos inéditos, fruto das fantasias da imaginação dos pedreiros e operários da construção civil na cidade do Rio de Janeiro.”<sup>133</sup> Combinava sua proposta estética inovadora com a aceitação entre seus estudantes de crianças, analfabetos, recém-libertos e mulheres, fato que escandalizava setores da sociedade.

---

<sup>131</sup> POPINIGIS, Fabiane. “Todas as liberdades são irmãs”: os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o império e a república. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 59, p. 647-666, set-dez, 2016.

<sup>132</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 175

<sup>133</sup> AMARAL, Cláudio Silveira; DIEDERICHSEN, Francisco Toledo Barros. Liceus de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e de São Paulo. Contexto diverso, pedagogia diversa. *Arquitextos*, São Paulo, ano 22, n. 258.07, Vitruvius, nov. 2021 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.258/8323>>.

Dessa forma, o Liceu se tornou um ambiente propício para o desenvolvimento cultural e político, um perigo para as classes dominantes, pois se tornava também um espaço de organização contra a exploração e a opressão. Não por acaso, foi justamente nesse local que, em janeiro de 1890, aconteceram reuniões de trabalhadores para a formação do primeiro Partido Operário da cidade.<sup>134</sup>

Essa pequena menção na crônica dá conta de um aspecto muito importante da transformação do sistema capitalista que também estava se operando no Brasil. Ainda que o ritmo de industrialização do país estivesse bastante atrasado em relação às potências do velho continente, como produto das últimas décadas de expansão capitalista, os costumes sociais típicos da cultura burguesa estavam começando a ganhar mais força na sociedade brasileira. A educação, as artes e a cultura estavam se transformando. Uma greve no Liceu e uma luta por direitos trabalhistas eram expressões dessas mudanças.

Como aponta Hobsbawm, sem exagerar nas diferenças entre a arte burguesa e das outras classes, é preciso entender que a tradicional cultura erudita estava ameaçada pelo “fato de as artes atraírem as pessoas comuns e (com exceção parcial da literatura) de terem sido revolucionadas pela combinação da tecnologia com a descoberta do mercado de massas.”<sup>135</sup> No capítulo I, discutimos como Machado refletia a importância dessas transformações em meados do século para alcançar uma maior popularização da literatura. Apesar da sua perspectiva entusiasmada nesse campo não ter se concretizado, era inegável que naquele momento havia uma transformação na relação entre as artes e a sociedade, tendo o autor conseguido captar esse processo, conforme o breve comentário do narrador nos revela (ver nota 36).

Outro dado histórico importante é que muitos espetáculos artísticos eram uma forma de lazer dos trabalhadores caixeiros, o que levou a uma vinculação entre eles e os artistas teatrais. Esse tipo de aliança era temida pelas classes dominantes, pois expressava uma forma de organização política e articulação desses setores para a defesa das suas reivindicações, afinal “em meados do século XIX descrever-se

---

<sup>134</sup> CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Trabalhadores, máquina política e eleições na primeira República*. 2008. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós- Graduação em História da UFBA, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

<sup>135</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 196.

como caixeiro era acionar o pertencimento a uma categoria que reivindicava sua dignidade através do trabalho.”<sup>136</sup>

Na crônica do dia 21 de setembro de 1888, apesar do centro dos comentários do narrador estar nas relações entre a peça e a analogia que ele estabelece com as discussões parlamentares no país, esse aspecto da luta de classes e das transformações culturais está presente. A todo momento ele tenta diminuir ambos os temas. Por isso, começa a crônica com uma frase ambígua que também pode ser compreendida como sua posição política sobre esses fatos: “Venho de um espetáculo longo, em parte interessante, em parte aborrecido”.<sup>137</sup> O narrador imediatamente associa o espetáculo como uma referência ao incidente Manso. Naquele mês, o republicano Antonio Romualdo Monteiro Manso tinha acabado de assumir na Câmara Geral dos Deputados e se recusara a fazer o juramento oficial, alegando que aquilo era contra as suas convicções<sup>138</sup>. Esse fato gerou muita repercussão. Primeiro porque a eleição do deputado significava que os republicanos voltariam a ter representatividade parlamentar na casa, mas também porque sua recusa levou a que, dias depois, fosse aprovado que o juramento poderia ser opcional.

Para o narrador, a alusão ao caso é feita de forma a comparar o parlamentar e o personagem da comédia: “a peça de Musset é um atozinho gracioso e límpido. Trata-se de um conde, que vai visitar uma marquesa, e não acaba de sair nem de ficar, até que a dama conclui por lhe dar a mão de esposa.”<sup>139</sup> Claramente, o intuito da comparação é menosprezar e diminuir a ação do deputado. No entanto, ao citar o nome da peça do escritor francês, cuja tradução para o português é *Uma porta tem de estar aberta ou fechada*, inevitavelmente o narrador também percebe que ela pode remeter à questão da demanda dos caixeiros pelo fechamento das portas. Ainda que o narrador afaste essa possibilidade, os comentários que ele faz também

---

<sup>136</sup> POPINIGIS, Fabiane. “Todas as liberdades são irmãs”: os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o império e a república. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 59, p. 647-666, set-dez, 2016.

<sup>137</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 175.

<sup>138</sup> Esse era o juramento que os deputados deveriam fazer: “Juro aos Santos Evangelhos manter a religião católica apostólica romana, observar e fazer observar a Constituição, sustentar a indivisibilidade do Império, a atual Dinastia Imperante, ser leal ao Imperador, zelar os direitos dos povos e promover, quanto em mim couber, a prosperidade geral da Nação.” BOEHRER, G. C. A. *Da Monarquia à República: história do Partido Republicano do Brasil (1870-1889)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954, p. 127.

<sup>139</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 175.

podem ser compreendidos como expressão da sua insatisfação com esses movimentos.

Depois da referência a Musset, o narrador vai comentar detalhes da peça, sempre na intenção de enfatizar como é “um drama extenso e complicado”<sup>140</sup>. A crônica segue a descrição, um tanto quanto confusa para os leitores, mas cada vez mais confirmando as possíveis comparações entre ambas as questões, seja pelo debate sobre o incidente Manso, seja pelas referências indiretas à luta pelo fechamento das portas. Também o faz com novos trocadilhos em referência às peças de Shakespeare, como *As You Like it*, que ele traduz de forma pomposa para *Como aprover a Vossa Excelência*. Depois, comenta que outras pessoas preferiam que a peça apresentada fosse *Muito barulho para nada*.

A partir de compreender o contexto do momento político da crônica, podemos dizer que esse narrador é um conservador que não gosta muito das novidades do seu tempo. É avesso às transformações das artes, que não seguem mais os modelos eruditos que sua classe tanto gostava, apesar do seu conhecimento em relação a essas artes ser bastante superficial. No entanto, principalmente, é avesso à relação entre a arte e o desenvolvimento dos movimentos políticos que surgiam. E isso fica evidente na sua crítica à peça ao afirmar que o pior defeito foi a extensão. E, para o narrador, a responsabilidade estava, sobretudo, na forma como a peça se propunha a integrar os amadores.

Ele também diz que, caso fosse consultado, poderia apresentar um remédio para o defeito da longa duração da peça, relacionando esse aspecto ao principal problema que vê no regime parlamentar: o abuso da palavra. Sua solução passa pelo uso do desenvolvimento tecnológico, aproveitando os aperfeiçoamentos técnicos do fonógrafo para gravar os discursos. Entretanto, esse elemento não estaria em função de democratizar o acesso, e sim de selecionar melhor quem teria direito a fala e como ela seria reproduzida na posterioridade: “a reprodução de todas as palavras ali recolhidas poderia ser feita, não à vontade do autor, mas vinte e cinco anos depois.”<sup>141</sup>

Dado o caráter desse narrador, que vai se revelando ao longo de toda a crônica, é possível inferir que seu desejo é de que a gravação dos discursos sirva como um meio técnico para ajudar a coibir os debates e inclusive expressar no

---

<sup>140</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 177.

futuro somente aquilo que interessa à sua classe, somente “as belezas”<sup>142</sup>. Seu objetivo com essa solução é, de fundo, um caminho autoritário. Como não tinham condições de dar essa saída para o regime político, que está profundamente em crise, ele transfere suas frustrações para comentários relacionados à arte, à cultura, aos comportamentos e a outros âmbitos em que essas mudanças estão levando ao declínio das suas posições como hegemonia dominante.

Voltando à crônica de 10 de novembro, o narrador é mais direto em suas reflexões sobre os movimentos dos caixeiros. Ele começa discorrendo sobre como não quiseram unificar essa luta com o tema do falecimento de uma atriz famosa, apontando como essa era uma discussão; afinal, apesar de serem temas diferentes, a conexão existente poderia ajudar o movimento dos caixeiros. No entanto, sua conclusão é de que isso não aconteceu porque “a questão do fechamento das portas era exclusiva, pedia as energias todas, inteiras, constantes, lutando dia por dia.”<sup>143</sup>

Dentro do movimento de luta desses trabalhadores livres, realmente tinha setores que defendiam a necessidade de se concentrar somente em suas reivindicações, apesar de frequentemente os caixeiros serem equiparados com os escravizados, inclusive em algumas leis<sup>144</sup>. Mais do que uma constatação dessa realidade, uma leitura a contrapelo das intenções do narrador pode nos fazer desconfiar que seu propósito não era somente falar do movimento pela morte da atriz famosa, mas de outra preocupação importante que afligia a classe dominante. No caso, nos referimos a como as reivindicações dos trabalhadores e seus métodos de luta, que por vezes envolviam o uso da violência contra as propriedades de seus patrões, poderiam se combinar com outras lutas, sobretudo a dos trabalhadores negros.

Em seus estudos sobre a formação da classe trabalhadora brasileira, Marcelo Badaró de Mattos aponta como a luta contra a escravidão foi um dos elementos de

---

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. 177.

<sup>143</sup> *Ibidem*, p. 194.

<sup>144</sup> Esses dois artigos, dispostos em lei sobre punições, exemplificam bem esse aspecto: “Art. 4º Os contraventores pagarão a multa de 30.000 réis pela 1ª vez, o dobro e oito dias de cadeia nas reincidências. Art. 5º Se o infrator for caixeiro, escravo ou menor paga a multa aquele que o tiver induzido à infração.” Arquivo Geral do Município do Rio de Janeiro, cod. 43-03-37, 29/10/1852 *apud* POPINIGIS, Fabiane. “Todas as liberdades são irmãs”: os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o império e a república. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 29, n. 59, p. 647-666, set-dez, 2016.

unificação da classe e da formação de sindicatos e associações dos trabalhadores livres, como o dos padeiros. A própria configuração do trabalho nos grandes centros urbanos criou um espaço propício para a convivência entre trabalhadores livres e escravizados que, mesmo sob a constante vigilância e repressão policial, desenvolviam laços profundos de solidariedade de classe, pois:

(...) compartilhando espaços de trabalho, circulação, moradia e lazer, esses trabalhadores – escravizados ou livres – também compartilhassem valores, hábitos, vocabulário, experiências enfim, inclusive de organização e de luta, ainda que as diferenças de sua condição jurídica criassem distâncias significativas.<sup>145</sup>

Uma das conclusões fundamentais do seu estudo sobre a organização dos padeiros no século XIX e da vida de um dos seus principais dirigentes, João de Mattos, foi como essa convivência no mesmo local de trabalho também foi responsável por forjar uma unidade entre a luta dos trabalhadores e a contra a escravidão.

Por isso, tratando do principal embate de classes daquela época – a luta contra a escravidão –, quando João de Mattos afirma que os abolicionistas iniciaram sua campanha pública em 1879, mas os empregados em padarias foram os “primitivos lutadores antiescravistas”, pois desde 1876 já “guerreavam a escravidão de fato”, podemos entender, com ele, que os abolicionistas do Parlamento e das campanhas na imprensa foram os “figurantes” de uma luta pela liberdade que teve como protagonistas os próprios trabalhadores escravizados, mas apoiados por trabalhadores livres que se opunham à escravidão.<sup>146</sup>

Essa marca, que caracteriza a formação da classe trabalhadora brasileira, nos serve muito para pensar a luta dos caixeiros, apesar de não termos tantas evidências de que nesta categoria tenha existido o mesmo nível de organização dos padeiros para combater a escravidão. No entanto, é muito possível que tenha se

---

<sup>145</sup> MATTOS, Marcelo Badaró de. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 18.

<sup>146</sup> *Ibidem*, p. 18.

firmado uma solidariedade de classe entre os trabalhadores livres e escravizados dos comércios.

Quando o narrador diz que “há anos e há séculos de revoluções e transformações”<sup>147</sup>, demonstra uma forte consciência de que vivia em um momento de transformações importantes. Não por acaso, as referências utilizadas dão conta desse nível de grandeza histórica: “entre a vinda de Jesus e a morte de César há pouco mais de 40 anos: e a Revolução Francesa chegou à Bastilha depois de feita nos livros e iniciada nas províncias, desde os albores do século XVIII.”<sup>148</sup>. É importante ressaltar também que a referência à Revolução Francesa como algo iniciado primeiramente nos livros, também é um indício da visão do narrador. Trata-se de um tipo de pensamento típico da sociedade burguesa, cuja base idealista passa por acreditar que primeiro vêm as ideias e só depois a transformação da realidade. Esses aspectos interessam, em particular, porque permitem ver o raciocínio do narrador para chegar na conclusão sobre o Brasil: “Aqui o caso era de um ano, o mesmo que viu a extinção da escravidão. Todas as liberdades são irmãs; parece que, quando uma dá rebate, as outras acodem logo.”<sup>149</sup>.

Ao chegar nessa conclusão, ele começa a reivindicar o movimento atual, que vem sendo “praticado em paz e harmonia”<sup>150</sup>, e se contrapõe ao movimento anterior pelo seu “caráter meio duvidoso”<sup>151</sup>. Nesse ponto, o narrador entra numa discussão sobre a questão da reivindicação do fechamento das portas aos domingos, como expressão de uma influência da igreja protestante inglesa. Depois, diz que, quando a plataforma passou a incluir também os dias santos, agradou mais à igreja católica. Toda a passagem é bastante expressiva porque nos dá diversos elementos a respeito da sociedade brasileira naquela época. Primeiro, como é claro, demonstra as disputas entre a influência das igrejas católica e protestante. Depois, vemos também o uso de uma palavra nova, “plataforma”, que o próprio narrador faz questão de destacar com a consideração de que “se me é lícito dizer uma palavra que pouca gente entende”<sup>152</sup>. Isso é necessário e compreensível porque o uso dessa expressão, mais ligada ao debate de programa partidários, era algo novo na sociedade brasileira. Os debates políticos se traduzindo para outros campos eram

---

<sup>147</sup> ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 193.

<sup>148</sup> *Ibidem*, p. 193.

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 194.

<sup>150</sup> *Ibidem*, p. 194.

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 194.

<sup>152</sup> *Ibidem*, p. 194.

uma novidade importada das sociedades burguesas mais desenvolvidas, assim como as diversas referências ao parlamento.

Apesar dessa síntese do narrador nos dar um rico quadro da sociedade, com detalhes que nos ajudam a compor o panorama histórico das suas opiniões, esses comentários acabam tirando o foco do debate central: a luta da classe trabalhadora. Mesmo assim, o narrador apresenta seu programa para essa questão: “Pois bem, ainda nesses casos o acordo é possível entre caixeiros e patrões”<sup>153</sup>. Uma solução que passa pela conciliação e o acordo, muito diferente da proposta repressiva que vimos na crônica anterior. Contudo, em ambas, o narrador enfatiza ser contrário ao uso dos métodos mais combativos de luta. No entanto, nessa crônica, o mesmo narrador que defende o debate político e aspectos da vida social mais ligados às democracias burguesas conclui de forma bastante preconceituosa sobre os trabalhadores chineses.

Para seguir analisando essas diferenças, vejamos a última crônica que debate a questão do fechamento das portas. Publicada em 25 de novembro de 1888, ela começa revelando, de forma bastante contundente, a posição do narrador: “nunca tirei o chapéu com tanta melancolia. Tudo é triste em volta de nós. A própria risada humana parece um dobre de finados. Creio que somos chegados ao fim dos tempos.”<sup>154</sup>. Enquanto discorre suas críticas sobre os banquetes do momento, ele revela que, se pudesse dar um programa aos republicanos, seria lembrá-los da chanfana de Esparta. Uma ironia, ao fazer referência a uma comida tipicamente portuguesa como se fosse combinada com a alimentação de uma sociedade reconhecida por seu militarismo. Uma forma de criticar os republicanos, assim como o narrador faz com as novidades culinárias e vários outros aspectos da sociedade.<sup>155</sup>

As diversas opiniões expressas, sobre distintos aspectos, demonstram como ele não gosta dessas transformações. Tanto que ele chega a declarar que “Já agora fico triste de uma vez, e digo que é muito melhor infringir a lei que reformá-la”<sup>156</sup>. O narrador também diz que “é raro achar um homem menos dado a pilhérias do que eu”<sup>157</sup>, retomando Nero e Calígula, famosos por sua crueldade e tirania, para exemplificar como trataria aqueles que fazem humor, se tivesse o mesmo poder dos

---

<sup>153</sup> *Ibidem*, p. 194.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 201.

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 201.

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 201.

<sup>157</sup> *Ibidem*, p. 201.

políticos romanos. São aspectos que trazem mais semelhanças com as opiniões da crônica de setembro.

A sequência dos comentários sobre o fechamento das portas passa pela reivindicação da conciliação entre patrões e empregados. Uma conciliação que só foi possível a partir do momento em que o movimento deixou de lado a utilização dos métodos de luta física. Contudo, ao dialogar com alguns setores que se assustam com esse “movimento liberal e generoso”<sup>158</sup>, o narrador faz uma referência clara a como não abandonou suas tendências autoritárias: “Façam primeiro 89, os ferros-velhos que tragam o 18 de Brumário.”<sup>159</sup>.

Pelo perfil desse narrador, que nos é revelado ao longo da crônica, podemos dizer que, nesse caso, ele está mais conformado com a solução de conciliação para a resolução imediata da situação da luta de classes: o fechamento das portas. Porém, pensando desde o ponto de vista dos seus interesses de classe e da história, a lembrança de como depois da Revolução Francesa veio o golpe de Napoleão III mostra como o narrador se inspira na história para apontar que, depois da revolução, vem a contrarrevolução. Ou seja, o narrador tem consciência de como agora não tem força para levar à frente seu programa, e impô-lo para outros setores da classe dominante no país. Todavia, confia em que no futuro possa haver uma saída bonapartista para a luta de classes no Brasil.<sup>160</sup>

A observação comparativa dessas crônicas nos permite refletir sobre um problema tratado desde o início: os narradores em *Bons Dias!*. Em todas as crônicas vemos que se trata de um representante das classes dominantes, que em vários momentos se encontra perdido diante dos fatos. Machado utiliza diversos recursos de ficcionalização que vão compor personalidades distintas para o narrador. Em uma crônica temos as opiniões de um monarquista conservador, em outra um representante da nascente burguesia liberal brasileira, em outra alguém que ainda não se decidiu até o final de que lado está, e por aí vai. Esse tema desenvolveremos melhor na “Conclusão” a seguir, retomando alguns aspectos deste trabalho e apresentando as conclusões finais sobre a obra e seu significado literário e social.

---

<sup>158</sup> *Ibidem*, p. 203.

<sup>159</sup> *Ibidem*, p. 203.

<sup>160</sup> Para uma análise mais profunda a respeito ver: MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

## 5 CONCLUSÕES - MACHADO DE ASSIS: UM ESCRITOR EM UM MUNDO DE RELÓGIOS QUE NÃO MARCAM A MESMA HORA

A série *Bons Dias!* consegue dar um amplo panorama da sociedade brasileira do século XIX. São crônicas que captam as transformações da vida social, política, econômica e cultural que estavam em curso, e isso se expressa tanto nos pequenos detalhes da sua composição literária, como também no conjunto da série. Os grandes acontecimentos que perpassam o Brasil nos anos de 1888 e 1889 precisam ser vistos sob dois pontos de vista que atuam de forma combinada: o primeiro por meio da sua relação com o processo global da transformação do sistema capitalista internacional; o segundo a partir da compreensão de que essas transformações são produtos de um processo histórico que envolve múltiplos fatores. Machado compreendeu de forma profunda esses aspectos, transformando-os em matéria para sua produção literária.

O desenvolvimento do capitalismo em âmbito internacional, modificando as relações de produção e dominação, levou a um processo de transformação desse próprio sistema. Como muito bem definiu Lênin, no final do século XIX, o capitalismo atinge sua fase imperialista<sup>161</sup>, na qual as características fundamentais do sistema passam a se transformar em seu contrário. Em relação à economia, o predomínio da livre concorrência começava a ser deslocado para o predomínio dos monopólios capitalistas, que passaram a conviver conjuntamente produzindo novas contradições e conflitos mais agudos.

Se fosse indispensável dar uma definição o mais breve possível do imperialismo, seria preciso dizer que o imperialismo é o estágio monopolista do capitalismo. Essa definição compreenderia o principal, pois, por um lado, o capital financeiro é o capital bancário de alguns grandes bancos monopolistas fundido com o capital das associações monopolistas de industriais, e, por outro, a partilhado mundo é a transição de uma política colonial que se estendeu sem obstáculos às regiões não apropriadas por nenhuma potência capitalista para uma política colonial de posse monopolista dos territórios da Terra, já inteiramente repartida.<sup>162</sup>

---

<sup>161</sup> LENIN, V. I. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*: ensaio de divulgação ao público. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 124.

O Brasil, apesar de ter se declarado independente em 1822, mantinha ao final do século XIX as bases estruturais de sua herança colonial, com uma economia baseada nos latifúndios, no trabalho escravo ou livre precarizado, e bastante dependente das grandes potências internacionais. No entanto, ainda que sem irem até a raiz dos problemas gerados por essa herança colonial, estavam ocorrendo naquele momento algumas transformações importantes na sociedade brasileira, que constituem a matéria prima e o objeto dos comentários do narrador. Dessa forma, as crônicas têm a particularidade de denotar linhas fundamentais que marcam processos estruturais da formação capitalista brasileira, a partir de temas como os que analisamos nos capítulos anteriores em relação à escravidão, ao trabalho assalariado, aos movimentos democráticos, às transformações do regime político, à imigração, entre outros. Em particular nas crônicas finais da série, também é perceptível o processo de como a introdução dos costumes burgueses na sociedade brasileira foi se mesclando com aspectos muito característicos da sociedade colonial.

O fim da escravidão era uma das marcas mais fortes desse processo. Ele também pode ser identificado nos debates sobre os costumes da vida cotidiana, na influência das teorias científicas e pseudocientíficas, na questão do crédito, do dinheiro e do capital. É visível sobretudo nos debates sobre qual era o melhor modelo de representação política a se adotar, em que era comum tentar importar os exemplos da França, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, ainda que o país não tivesse passado pelos processos de movimentações políticas e sociais que originaram cada um desses regimes.

Independente da postura do narrador ou dos narradores sobre qual desses modelos representava o melhor para o país, a recorrência dessas referências na série expressam uma questão fundamental para a época: na busca por se sintonizar com o processo de desenvolvimento internacional, o Brasil saltava etapas, importando e se adequando aos modos de produção capitalista quando o capitalismo já se preparava para entrar em sua fase imperialista. Por esses motivos, as crônicas não constituem meros comentários sobre a vida cotidiana do final do século XIX, mas captam a relação entre essas questões e o processo histórico no qual estão inseridas.

Todavia, apesar de ser um gênero muito atrelado ao cotidiano e aos comentários dos fatos, as crônicas não podem ser entendidas como retrato histórico

literalmente, como se não existisse uma construção artística e estética. Outro aspecto essencial que analisamos ao longo deste trabalho foi como Machado optou por construir narradores para suas crônicas, ficcionalizando esse gênero e conseguindo dessa forma expressar a realidade, sem deixar de lado o trabalho artístico e estético necessário à produção literária. Os recursos característicos do estilo machadiano, como a ironia, o exagero, o humor, a fabulação, entre outros, estão a serviço da construção narrativa para expressar com densidade artística esses aspectos da realidade.

Nesse sentido, ao analisar as distintas crônicas da série, podemos identificar diferentes perfis de narradores: o relojoeiro desnortado pela falta de sincronia dos relógios do mundo; o liberal que se acha pertencente a uma família de profetas; o rentista que pede crédito e comprar libertos; um conservador avesso às mudanças da época, que reprova os republicanos e os movimentos sociais.

O que une esses distintos perfis narrativos são os indícios de pertencimento à classe dominante e o fato de não apresentarem um programa que possa responder profundamente aos problemas do país. Machado queria tratar de um momento no qual as transformações da sociedade estavam dando um salto de qualidade, diante das quais as elites preferiam manter o atraso. A série *Bons Dias!* é uma expressão desse impasse. Para alcançar esse efeito, o autor transforma as crônicas em relatos que representam as opiniões de distintos setores da classe dominante diante dos acontecimentos. Uma representação que não deixa de ser a busca materialista pela cor local na literatura brasileira.

Trata-se de um recurso habilmente trabalhado para dar conta da realidade que é a matéria prima da sua fabulação literária: a crise de hegemonia na sociedade brasileira. As características que podem ser identificadas no Brasil em 1888, com as consequências ainda mal resolvidas da saída da guerra do Paraguai, da luta contra a escravidão e dos trabalhadores livres, e a profunda divisão da classe dominante entre monarquistas e republicanos, se encaixam bem no que Gramsci definiu como crise de hegemonia ou crise orgânica. Vejamos uma citação mais longa, onde o revolucionário italiano desenvolve essa definição:

Em certo ponto de sua vida histórica, os grupos sociais se separam de seus partidos tradicionais, ou seja, os partidos tradicionais naquela determinada forma organizativa, com aqueles determinados homens que os constituem,

os representam e os dirigem, não mais são reconhecidos como sua expressão por sua classe ou fração de classe. Quando tais crises têm lugar, a situação imediata se torna delicada e perigosa, porque o campo fica aberto à soluções de força, a atividade de potências obscuras representadas por homens providenciais ou carismáticos. (...) E o conteúdo é a crise de hegemonia da classe dirigente, que se produz seja porque a classe dirigente fracassou em alguma grande empresa política para a qual tenha solicitado ou imposto pela força o consenso das grandes massas (como a guerra), ou porque vastas massas (especialmente o campesinato e os intelectuais pequeno-burgueses) tenham passado bruscamente da passividade política a uma certa atividade, e formulam reivindicações que em seu conjunto não orgânico, constituem uma revolução. Se fala de 'crise de autoridade', e isso precisamente é a crise de hegemonia, ou crise do Estado em seu conjunto". (C13 §23, redigido entre maio de 1932 e primeiros meses de 1934).<sup>163</sup>

Esses fatores estavam presentes na disputa entre os setores da classe dominante brasileira que adotavam os ideais burgueses na sua época imperialista e aqueles que defendiam abertamente princípios reacionários, como a escravidão e a estrutura fundiária. Contudo, apesar das diferenças, que incluíam a forma de regime adotado, ambos mantinham em comum princípios fundamentais da sociedade capitalista como a manutenção da propriedade privada e a necessidade da exploração do trabalho como um instrumento de criação de valor.

Os narradores de *Bons Dias!* nos revelam que não existia um setor progressista da classe dominante capaz de levar adiante uma reforma burguesa de tipo democrática. Isso porque, no Brasil, a burguesia surge espremida entre a profunda dependência das potências imperialistas e o medo de que a enorme massa de trabalhadores livres e escravizados pudesse ir além dos seus desejos de manutenção da propriedade privada e de transformar o Estado em seu balcão de negócios. Uma classe covarde, que aprendeu as contra lições da Comuna de Paris, e representava em toda linha não um ideal abstrato de progresso e democracia, mas a defesa aberta da sua posição enquanto classe dominante.<sup>164</sup>

<sup>163</sup> GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*: Vol 3. Maquiavel: notas sobre o estado e a política. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 62-63.

<sup>164</sup> A experiência da Comuna de Paris, em 1871, foi um divisor de águas para distintos setores da sociedade. A luz dessa profunda experiência revolucionária, na qual a classe operária pela primeira vez na história formou um Estado próprio, que posteriormente foi esmagado com sangue e muita repressão. Ao concluir como o aparato do Estado estava a serviço dos interesses da classe dominante, Marx e Engels revisaram um aspecto do Manifesto Comunista declarando que: "a classe

Uma classe que sabia como o potencial subversivo das lutas de massas, dos movimentos democráticos de organização da classe trabalhadora em aliança com os escravizados era seu grande inimigo. Por esse motivo, ao mesmo tempo que disputava o poder político com a antiga aristocracia do regime monárquico, ela nascia como classe a partir dos latifundiários, numa íntima relação que se desenvolveu para que o país fosse se adequando às necessidades do desenvolvimento capitalista internacional. Sem nunca romper com o atraso, a burguesia brasileira não nasceu da luta contra a aristocracia feudal, mas da aliança com os dominantes do campo.

Como desenvolveram os trotskistas brasileiros da década de 30, o capitalismo pode ser caracterizado como um processo histórico marcado pela expropriação das camadas populares, com a acumulação primitiva expressando a violenta separação entre o trabalhador e o produto do seu trabalho. Nas ex-colônias, como o Brasil, esse processo carregava uma contradição fundamental, pois, apesar da existência dos povos originários, os colonizadores buscaram difundir a ideia de que as Américas eram terreno “inocupado”, livre para a exploração a serviço dos seus lucros. Os colonos livres que vinham para as Américas poderiam conquistar sua propriedade, sem uma relação de dependência entre o trabalhador e os donos dos meios de produção. A sujeição imediata dos trabalhadores aos proprietários foi criada artificialmente. O Estado precisou entrar em cena para transformar a terra livre em propriedade privada, fixando de forma arbitrária os preços para impedir que o trabalhador se transformasse em dono das terras, ao mesmo tempo que necessitou organizar a escravidão dos negros e indígenas. Eles concluem, baseando-se nos conceitos de Marx sobre como a forma econômica específica na qual é feita a apropriação do trabalho não pago é determinante para a relação de dependência que decorre da produção, sendo essa forma de apropriação a base da economia, da política e de todo o sistema no qual está alicerçado as condições de produção, que:

Numa palavra, foram transportadas para as terras americanas as relações de produção capitalistas. Mas "o fundamento oculto de toda organização social", isto é, a relação direta entre o proprietário dos meios de produção e

---

operária não pode simplesmente se apossar da máquina do Estado tal como ela se apresenta e dela servir-se para seus próprios fins." MARX, Karl. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 56.

o produtor imediato não pode deixar de sofrer a influência das "diversas condições empíricas, condições naturais, diferenças de raça etc.", apresentando, assim, "infinitas variações e gradações explicáveis somente pela análise dessas circunstâncias empíricas".<sup>165</sup>

Machado de Assis compreendeu profundamente esses mecanismos da formação da sociedade brasileira e conseguiu transformá-los na sua composição literária e artística para construir em *Bons Dias!* um amplo panorama da sociedade brasileira. Como se trata de um ponto de vista de narradores que pertencem à classe dominante, a luta de classes está sempre em uma localização marginal. Afinal, não era de interesse desses setores que outra classe assumisse o protagonismo da história. E até isso é perceptível nas crônicas. Naquele momento, a classe trabalhadora brasileira ainda estava em formação, mas já tinha como sua principal marca o desenvolvimento de relações de solidariedade entre os trabalhadores livres e escravizados. Isso despertava o medo da classe dominante, expresso nas crônicas a partir dos diferentes perfis de narradores apresentando suas alternativas para lidar com esse complexo cenário, em uma mescla de soluções repressivas ou conciliadoras. No entanto, ambas eram incapazes de dar uma resposta mais profunda, de apresentar um programa que respondesse às questões sociais, políticas e econômicas do país. O Brasil, apesar de suas características particulares, estava totalmente inserido na dinâmica do desenvolvimento capitalista internacional e, conseqüentemente, qualquer transformação nacional se relacionava com esse aspecto.

Ao contrário daqueles autores que colocam Machado de Assis como um autor alheio aos debates do país, que se absteve diante da escravidão e dos problemas sociais; ao contrário daqueles que o caracterizam como um cético, cujas obras tratam de questões universais do ser humano - como se fosse possível uma generalização desconsiderando que são produto da realidade material e histórica, como as condições de classe e opressão, que são parte de determinar a consciência -; a análise dessa série demonstra como Machado foi um crítico sagaz do seu tempo. Fez isso batalhando para que a arte literária fosse cada vez mais elaborada,

---

<sup>165</sup> ABRAMO, Fulvio; KAREPOVS, Dainis (org.). *Na Contracorrente da História: documentos do trotskismo brasileiro 1930-1040*. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2015, p. 129-130.

até mesmo em gêneros tão ligados à imediatez da vida cotidiana, ao rés-do-chão<sup>166</sup>, como as crônicas. E só conseguiu fazer isso da forma mais profunda, porque desde o início ele tinha clareza de que: “(...) se há alguma coisa a esperar é a das inteligências proletárias, das classes ínfimas; das superiores, não.”<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *In*: SETOR DE FILOLOGIA DA FCRB (org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992, p. 13-22.

<sup>167</sup> ASSIS, Machado de, O passado, o presente e o futuro da literatura. *In*: *Obra completa em quatro volumes*. 1. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2021, vol. 3, p. 7679. Livro Eletrônico.,

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Fulvio; KAREPOVS, Dainis (org.). *Na Contracorrente da História: documentos do trotskismo brasileiro 1930-1040*. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2015.

AMARAL, Cláudio Silveira; DIEDERICHSEN, Francisco Toledo Barros. Liceus de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e de São Paulo. Contexto diverso, pedagogia diversa. *Arquitextos*, São Paulo, ano 22, n. 258.07, Vitruvius, nov. 2021 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.258/8323>>.

ARRIGUCCI Jr, Davi. *Enigma e Comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2021, vol. 3. Livro Eletrônico.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. O alienista. In: GLEDSON, John (org.). *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Espelho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ASSIS, Odete; HELENA, Daphnae. Formação e anatomia da classe trabalhadora feminina e negra no Brasil. In: PARKS, Letícia; ASSIS, Odete; CACAU, Carolina (org.). *Mulheres Negras e Marxismo*. São Paulo: Edições Iskra, 2021, p. 111-131.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BETELLA, Gabriela Kvacek. *Bons Dias!: o funcionamento preciso da inteligência em uma terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

BOEHRER, G. C. A. *Da Monarquia à República: história do Partido Republicano do Brasil (1870-1889)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.

BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismo. In: BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 194-245.

BRAYNER, Sonia. *Labirinto do Espaço Romanesco*. Brasília: Civilização Brasileira, 1979.

BREITMAN, George. Quando surgiu o preconceito contra o negro. In: PABLITO, Marcello *et al.* *A Revolução e o Negro: textos do trotskismo sobre a questão negra*. 2. ed. São Paulo: Edições Iskra, 2019, p. 47-55.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR DE FILOLOGIA DA FCRB (org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Trabalhadores, máquina política e eleições na primeira República*. 2008. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História da UFBA, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney *et al* (org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas de escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CONFEDERAÇÃO ABOLICIONISTA DO BRASIL. *Abolição Immediata e sem indenização*: Pamphletto n.1. Rio de Janeiro: Typ. Central de Evaristo R. da Costa, 1883, p. 06. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/174442/000093681.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 10 jan. 2024.

CORDEIRO, Rogério. *Quincas Borba: romance da modernização tardia*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CURY, Vania Maria. *História da industrialização no século XIX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DEZEM, Rogério Akiti. A Questão Chinesa (1879) no Brasil. *Revista de Estudos Brasileiros Portuguese Dept., Osaka University*, Osaka. v. 14. p. 1-27, mar. 2018.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-188.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e história*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*: Vol 3. Maquiavel: notas sobre o estado e a política. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis escritor em formação: à roda dos jornais*. São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2020.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

IBGE. *Recenseamento do Brasil em 1872*. 1874. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 20 set. 2023.

JAMES, C.L.R. *Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2000.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011.

LENIN, V. I. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*: ensaio de divulgação ao público. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

LEUZINGER, Typ. G. (ed.). *Recenseamento do Brasil em 1872*. Rio de Janeiro: IBGE, 1874?. 12v. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 20 set. 2023.

MARTINS, P. H. de S. Processo de abolição no Ceará: História, memória e ensino. *Revista Historiar*, Sobral, v. 6, n. 11, 2014.2. Disponível em: [//historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/154](http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/154). Acesso em: 15 jan. 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. 4. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *O Capital*: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. O método da economia política (Introdução). In: MARX, Karl. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858 : esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. Livro Eletrônico.

MARX, Karl. O Times de Londres e Lorde Palmerston. In: ENGELS, F. e MARX, K. *Escritos sobre a Guerra Civil Americana - Artigos do New-York Daily Tribune, Die Presse e outros (1861-1865)*. 1. ed. Londrina: Aetia Editorial e Editora Peleja, 2020, p. 97. Disponível em:

[https://www.marxists.org/portugues/marx/guerra/Escritos\\_sobre\\_a\\_Guerra\\_Civil\\_Americana.pdf](https://www.marxists.org/portugues/marx/guerra/Escritos_sobre_a_Guerra_Civil_Americana.pdf) . Acesso em: 16 jan. 2024.

MARX, Karl. *Trabalho Assalariado e Capital & Salário, preço e lucro*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MATTOS, Marcelo Badaró de. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Legislação emancipacionista, 1871 e 1885. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MEYER, Marlyse. Voláteis e Versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões na Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PABLITO, Marcello et al. *A Revolução e o Negro: textos do trotskismo sobre a questão negra*. 2. ed. São Paulo: Edições Iskra, 2019.

POPINIGIS, Fabiane. "Todas as liberdades são irmãs": os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o império e a república. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 59, p. 647-666, set-dez, 2016.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. Das batalhas literárias e sociais surge o "método": escravidão, trabalho livre e imigração nas crônicas de machado de assis (1878-1883). *Machado de Assis em Linha - Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 11-33, abr. 2018.

REIS, João José. *Ganhadores: A greve negra de 1857 na Bahia*, 2019.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

\_\_\_\_\_. *Revoltas Escravas no Brasil*, 2021.

SANTOS, M. E. V. dos. Antes do 13 de maio: o 25 de março no Ceará e o movimento abolicionista em Pernambuco. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 53, 2016. DOI: 10.9771/aa.v0i53.22475. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22475>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *In*: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: a forma literária e o processo social nos inícios do romance brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

SOUSA, José Galante de. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

TRÓTSKI, Leon. *História da Revolução Russa: Tomo um*. São Paulo: Sundermann, 2007.

VASCONCELOS, Sergio Sezino Douets. Igreja católica e a escravidão no Brasil colônia: uma abordagem cultural. *In*: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social, 2013, Natal. Anais. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: <http://snh2013.anpuh.org/resources/pe/anais/encontro5/04-rep-sociais/Artigo%20de%20Sergio%20Douets.pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

WARWICK, Coletivo de Pesquisa de. *Desenvolvimento combinado e desigual: por uma nova teoria da literatura-mundial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WESTIN, Ricardo. *No fim do Império, Brasil tentou substituir escravo negro por "semiescravo" chinês*. Senado Federal, 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/no-fim-do-imperio-brasil-ten-tou-substituir-escravo-negro-por-201csemiescravo201d-chines>. Acesso em: 8 jan. 2024.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e Escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.